

**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**TEOLOGIA E EDUCAÇÃO:
Por uma Pedagogia Teológica Integral na Formação de Homens e Mulheres**

Clidenor Aureliano de Souza

Duque de Caxias – RJ
2020

**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”**

**TEOLOGIA E EDUCAÇÃO CRISTÃ:
Por uma Pedagogia Teológica Integral na formação de Homens e Mulheres**

Clidenor Aureliano de Souza

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Professor(a) orientador(a): Marcio Simão de Vasconcellos

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE
BIBLIOTECAS

S729t Souza, Clidenor Aureliano de.
 Teologia e educação cristã: por uma pedagogia teológica integral na
 formação de homens e mulheres / Clidenor Aureliano de Souza. – Duque de
 Caxias, 2020.
 69 f. ; 30 cm.

 Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Teologia) –
 Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de
 Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2020.
 “Orientador: Prof. Marcio Simão de Vasconcellos”.
 Referências: f. 63-69.

 1. Teologia. 2. Educação cristã. 3. Pedagogia integral. 4. Ministério
 pastoral. I. Vasconcellos, Marcio Simão de. II. Universidade do Grande Rio
 “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 200

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Clidenor Aureliano de Souza

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciência, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado _____ com nota _____.

Prof. Me. Marcio Simão de Vasconcellos
PROF. ORIENTADOR – UNIGRANRIO

Prof. Dr.
UNIGRANRIO

Prof. Especialista
UNIGRANRIO

Duque de Caxias – RJ
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os homens e mulheres que faz da educação cristã uma arte pedagógica de continua formação até que Cristo Jesus vem!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em Cristo Jesus, por me abençoar, ao colocar pessoas maravilhosas no meu caminhar da vida cristã.

À minha querida esposa, diaconisa da Primeira Igreja Batista em Vila Kennedy, Ana Maria Narduci, cujo apoio e amor foi primordial na caminhada entre a arte de conciliar os horários das atividades acadêmicas, o trabalho secular e as tarefas domésticas. Sim, aos meus filhos: Mísia Cecília (portadora de Autismo) e Carlos Daniel (o apaixonado por games), que contribuíram nesta caminhada também!

Aos meus pais, Cleodon (operário da construção civil, aposentado) e Severina (in memória, sábia mulher, mesmo analfabeta, foi coordenadora de um pequeno grupo de Circulo Bíblico da Igreja Católica, em Miguel Couto, Nova Iguaçu - RJ, e ensinou-me a arte da fé na revisão de vida), bons educadores conforme a maneira de ser de cada um, mesmo sem a oportunidade de estudar, mas instigava eu e minhas duas irmãs, Maria do Socorro e Maria Aparecida, a cada dia nas descobertas e no aprendizado para a vida.

À UNIGRANRIO, por ser espaço acadêmico de diálogo, de promoção e discussão teológica na formação do ser humano.

Aos professores do Curso de Teologia da UNIGRANRIO, em especial, ao meu orientador Marcio Simão de Vasconcellos, vocês todos são demais!

Aos colegas da turma de Teologia, mesmo sendo a Distância, ajudamo-nos na medida do possível.

À Primeira Igreja Batista em Vila Kennedy, em Bangu – RJ, onde congrego, por todo o apoio e suporte pessoal de seus departamentos, em especial ao pastor Presidente Antônio Carlos de Jesus Silva; à Ministra de Educação Religiosa: Márcia Sanches Dias; à Ministra da Terceira Idade: Rosângela Silva; e ao Diretor Musical da PIBVK: Maestro Ney Costa, nobres amigos.

RESUMO

A presente pesquisa pretende abordar o processo pedagógico da Teologia Pastoral sobre a Educação Cristã ensinada e vivenciada na Igreja local, com o intuito de explicitar uma ferramenta de mediações teórico-práticos, necessárias na formação integral de homens e mulheres, na possibilidade da continuidade de uma mudança de vida regeneradora a partir de uma pedagogia viva na Educação Cristã. Por isso, esta pesquisa é um trabalho bibliográfico com uma relevante análise crítica, através do diálogo entre Teologia Pastoral e Pedagogia Integral na Educação Cristã. A finalidade deste diálogo está no eixo do fazer teológico, em seu aspecto relacional, epistemológico e antropológico, mediados e instruídos pelo Evangelho de Jesus Cristo, que, pedagogicamente, ensina a necessidade dinâmica da vida educativa e comunitária, de forma contínua, no processo do verdadeiro sentido da conversão cristã, e não apenas para quem crê, de forma integral, no caminho pedagógico para a vida eterna. Então, a Teologia da Educação Cristã necessita de um método para realizar um processo de educação na fé, com a participação ativa de todos, na igreja local, através do método de revisão de vida, isto é, do método Ver, Julgar ou Iluminar e Agir. Por fim, tal método pastoral traz a experiência e uma tradição pastoral latino americana na segurança e eficácia na educação da fé, pois tem respondido as necessidades pedagógicas aos desafios do diálogo entre fé e vida concreta daqueles que tem compromisso com o Evangelho de Cristo Jesus.

Palavras-Chave: Educação Cristã; Pedagogia Integral; Teologia Pastoral.

ABSTRACT

The presente research intends to approach the pedagogical processo f Pastoral Theology on Christian Education taught and experienced in the local Church, in order to explain a tool of theoretical-practical mediations, necessary in the integral formation of men and women, in the possibility of the continuity of a regenerative life change based on a lively pedagogy in Christian Education. For this reason, this research is a bibliographic work with a relevant critical analysis, through the dialogue between Pastoral Theology and Integral Pedagogy in Christian Education. The purpose of this dialogue is in the axis of theological doing, in its relational, epistemological and anthropological aspect, mediated and instructed by the Gospel of Jesus Christ, which, pedagogically, teaches the dynamic need for educational and community life, in a continuous way, in the processo f true meaning of Christian conversion, and not only fully believes in the pedagogical path to eternal life. Therefore, Christian Education Theology needs a method to carry out na education process in the Faith, with the active participation of all, in the local church, through the method of life review, that is, the method of See, Judge or enlighten and Act. Finally, such a pastoral method brings the experience and a Latin American pastoral tradition in the security and effectiveness in the education of the faith and concrete life of those who are committed to the Gospel of Christ Jesus.

Keywords: Christian Education; Integral Pedagogy; Pastoral Theology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MEDIAÇÃO ANALÍTICA DA REALIDADE DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DA SUA PEDAGOGIA NA IGREJA	16
2.1. A construção dos fundamentos teológicos e filosóficos da Educação Cristã na Igreja	17
2.2. A prática pedagógica na Educação Cristã no século XXI: a questão da pluralidade epistemológica	20
2.3. As consequências da pluralidade teológica e filosófica no ensino da Educação Cristã na Igreja	24
3. MEDIAÇÃO HERMENÊUTICA DO DIÁLOGO TEOLÓGICO E FILOSÓFICO DO SER HUMANO NA EDUCAÇÃO CRISTÃ	30
3.1. Diálogo entre a comissão cultural do Evangelho com a sociedade humana e sua diversidade	33
3.2. Teologia Pastoral da Educação Cristã e formação integral da pessoa humana: superação do dualismo pedagógico na Igreja	35
3.3. A Dimensão da interpretação e filosófica no universo da Educação Cristã	38
3.4. A questão hermenêutica da dimensão do Evangelho na formação da pessoa humana	40
4. CONTRIBUIÇÕES DA AÇÃO PASTORAL DA PEDAGOGIA AUTÔNOMA NA EDUCAÇÃO CRISTÃ	44
4.1. Educação Cristã como fonte do Evangelho na integridade do ser humano: Alteridade ...	45
4.2. Educação Cristã como práxis de libertação pedagógica do ser humano: Autonomia e Responsabilidade	49
4.3. Educação Cristã como práxis bíblica na autonomia integral na formação humana	53
5. CONCLUSÃO	60
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

1. INTRODUÇÃO

Os onze discípulos caminharam para a Galileia, à montanha que Jesus lhes determinara. Ao vê-lo, prostraram-se diante dele. Alguns, porém, duvidaram. Jesus, aproximando-se deles falou: *“Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!”* (Mateus 28.16-20)¹

A Educação Cristã está relacionada com a maneira pedagógica de ser Igreja, em Cristo Jesus, por que:

[...], a Igreja de Cristo não pode deixar de ensinar nem de fazer teologia. Se ensina, faz teologia; se faz teologia, ensina. Só há uma maneira de a Igreja deixar de fazer teologia e de ensinar: ignorar as incumbências da Grande Comissão, e deixar de ser Igreja. Enquanto a Igreja for Igreja, ela será educadora e teóloga².

Nesta perspectiva, temos que compreender a Educação Cristã como um processo pedagógico da Teologia Pastoral na Igreja local, isto é, a Educação Cristã é Teologia Pastoral que através do processo pedagógico, em Cristo Jesus, possam chegar à salvação dos seres humanos. É o próprio Cristo a fonte principal da Educação Cristã, ou da própria Teologia da Educação Cristã, como ministério da sua Igreja. Ora, Jesus é o educador por excelência, pois dá ao ministério da Educação Cristã a autoridade pedagógica e “missão, orientação e finalidade”:

Para apascentar e aumentar sempre o Povo de Deus, Cristo Senhor instituiu na sua Igreja uma variedade de ministérios que tendem ao bem de todo Corpo. Pois os ministros que são revestidos do sagrado poder servem a seus irmãos para que todos os que formam o Povo de Deus [...] cheguem à salvação³.

Como podemos observar, o ministério da Educação Cristã pode ser desenvolvido na comunidade de fé através de diversos contextos, isto é, os contextos conhecidos e estruturados como “a ciência magisterial da Igreja Cristã que, fundamenta na Bíblia Sagrada”⁴, mas, também, dos credos e das declarações de fé, da vocação e da tradição do magistério da Igreja, que fazem parte das fontes da Teologia da Educação Cristã como uma ciência bíblica que “possui seus princípios, demandas e ordenações, através dos quais orienta a ação da Igreja em sua tarefa magisterial”⁵. Por isso, para uma prática pedagógica da Educação Cristã ou o fazer

¹ **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. 12. Reimpressão. São Paulo: Paulus, 2017. p. 1758.

² ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã: A missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 10.

³ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo *Gaudium et spes*, n. 18 in: **Catecismo da Igreja Católica**. n. 874. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993, p. 251.

⁴ ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã: A missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias**, p. 15.

⁵ *Ibid.*, p. 16.

da Educação Cristã em nossos dias, este trabalho de pesquisa, de revisão bibliográfica, tem a finalidade de dialogar com a metodologia Ver, Julgar e Agir do padre belga Joseph Léon Cardijn (1882-1967)⁶ como uma Pedagogia de Evangelização educativa e de vivência da fé na vida diária. Segundo Reuberson Rodrigues Ferreira, em seu artigo: “Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco”⁷, relata que:

A origem e a solidificação do método VER-JULGAR-AGIR confundem-se com a vida e a ação do sacerdote Joseph Cardijn (1882-1967). Nascido na pequena comuna de Schaerbeek, próximo a Bruxelas, esse sacerdote será o articulador do método que influenciou e formou uma imensa gama de jovens operários nos primeiros anos do século XX. De igual modo, perpassou os documentos do Vaticano II, ofertou suporte para a construção de um método teológico e, ainda hoje, é fulcro das reflexões eclesiais, particularmente os recentes pronunciamentos Pontifícios⁸.

Segundo o mesmo autor, além dos pronunciamentos Pontifícios, o método teológico Ver-Julgar-Agir, fortalece a estrutura da doutrina social da Igreja, então um fator importante da aplicabilidade social do sacerdote Cardijn na JOC. Em outras palavras, educar a juventude a fazer uma síntese entre a fé cristã e a questão social do trabalho industrial:

Em sua trajetória sacerdotal, Joseph Cardijn fundou a Juventude Operária Católica (JOC). Ele sedimentou seu trabalho espelhando-se na Associação Católica da Juventude Francesa (A.C.J.F.) que surgiu a partir dos Círculos Operários Católicos sob a orientação de Alkbert de Mun (1841-1914)⁹. De igual modo, a proposta do sacerdote belga insere-se “na continuidade da pedagogia do

⁶ Padre belga fundou, em 1925, na Bélgica, a Juventude Operária Católica (JOC). No Brasil a JOC surge em 1932 e é oficializada nacionalmente em 1948 e neste ano Cardijn visitou o Brasil e outros países da América Latina. Ver em: Cf. **Dicionário Político** – CARDIJN, León Joseph. Pequena biografia de Cardijn, León Joseph. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cardijn_leon.htm> (Acesso em: 18/07/2020 às 09:50h).

⁷ FERREIRA, Reuberson Rodrigues. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 215-228, 2016. Citação tirada das páginas 217-218.

⁸ O melhor exemplo é a Carta Encíclica de sua santidade o Papa João XXIII onde, no parágrafo de número 232, afirma que “Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases: estudo da situação, apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes, exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: *ver, julgar e agir*” (Cf. PAPA JOÃO XXIII. **Carta Encíclica Mater et Magistra: Sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã**. 2. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 74). Segundo M. J. Ruben, o organizador da Comunidade Internacional Cardijn: “Acreditamos que até mesmo Cardijn ficou surpreso ao descobrir a extensão desse reconhecimento na encíclica. Desde então, o método ver-julgar-agir foi reconhecido e adotado por toda a Igreja”, continuou Ruben. “Isso mostra como Cardijn foi um mestre para toda a Igreja – não só para os jovens trabalhadores” disse. “Essa é outra razão pela qual esperamos que Cardijn, um dia, seja reconhecido como Doutor da Igreja”, concluiu. (Cf. IHU/ PORTAL KAIROS. **Fraternidade e Políticas Públicas: ver, julgar e agir**. Atualizado: 21/11/2018 – 3:30/ em #Campanhas da Igreja, Artigos CF 2019, Campanha da Fraternidade, CF 2019). Disponível em: <<https://portalkairos.org/tag/origem-do-metodo-ver-julgar-e-agir/>> (Acesso em: 27/06/2020 às 18:42h).

⁹ Na verdade, o seu nome era: Adrien Albert Marie, Comte de Mun, nasceu em 28 de fevereiro de 1841 e veio a óbito em 06 de outubro de 1914, era um francês figura política e reformador social do século XIX (Cf. CHISHOLM, Hugh. “**Mun, Adrien Albert Marie de**”. *Encyclopaedia Britannica*. 19 (11ª ed.). Cambridge University Press. 1911. p. 1.

denominado Catolicismo Social” (BRIGHENTI, 2015, p. 609)¹⁰ que no século XIX levou inúmeros católicos a desenvolverem trabalhos junto à espoliada classe proletária e tinha na Encíclica *Rerum Novarum*¹¹ do Papa Leão XIII sua divisa fundante.

Como podemos analisar, nesta exposição, o método do sacerdote Cardijn “é uma pedagogia, uma forma de ser Igreja”¹², isto é, “a pedagogia é uma ciência que nasceu da necessidade de teorizar/pensar sobre a prática da educação”¹³ em ser Igreja na realidade concreta. Por isso, o método do sacerdote Cardijn “é um caminho de humanização que pretende que cada cristão tome consciência da sua missão enquanto batizado, deixando o comodismo e partindo em missão”¹⁴ em sua realidade concreta. Embora, podemos considerar o método Ver-Julgar-Agir, por experiência e tradição pastoral latino-americano¹⁵, tem trazido segurança e eficácia na educação da fé, respondendo as necessidades e aos desafios vividos por um discipulado comprometido com Cristo Jesus. Portanto, A Educação Cristã é uma pastoral, ou melhor:

Por “pastoral”, podemos entender: as atividades da Igreja no seu interior ou na relação com o mundo, ou então uma disciplina da teologia. Ainda pode significar uma maneira de compreender o conjunto da fé e o modo de vive-lo. Ao falar de teologia pastoral, faz-se referência à forma de refletir o conjunto de fé a partir da atividade eclesial. Ela se situa entre a teologia popular e a acadêmica. Nas Igrejas Reformadas, está presente antes mesmo das faculdades de teologia e, na Igreja Ortodoxa, desde o florescimento de centros teológicos no Ocidente e no Oriente no princípio do século XX. Na Igreja Católica, desenvolveu-se com a renovação iniciada com o Concílio Vaticano II, ao atender ao forte apelo para a formação do Povo de Deus, especialmente os leigos que atuam na evangelização. [...] O método também varia muito. Alguns grupos utilizam o método ver, julgar, agir, celebrar e avaliar¹⁶. Há os que fazem uma introdução à leitura dos

¹⁰ BRIGHENTI, Agenor. Método Ver Julgar e Agir. In: PASSOS, João Décio (Org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015, p. 609.

¹¹ A primeira encíclica social: a *Rerum Novarum*. Escrita em 1891, essa carta papal se caracterizou por uma tentativa de aproximação da Igreja com os trabalhadores. Assim sendo, a encíclica trazia a ideia de que a solução para os problemas no mundo do trabalho deveria ser resolvida através de uma “harmonia entre as classes”, noção que se apoiava no princípio do corporativismo (Cf. XAVIER, Fábio Chilles. “**Herdeiros de uma esquerda**”: **Estudo do engajamento político dos militantes da pastoral da juventude na Arquidiocese de Londrina – PR 1979-1989**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011, Licenciatura em História, p. 19. Em PDF).

¹² FERREIRA *apud* BRIGHENTI, 2015, p. 608. Para o Papa João Paulo II, esta forma de ser Igreja começa com a pedagogia original da fé, isto é, há também uma pedagogia da fé; [...] É normal, efetivamente, que se adaptem em benefício da educação para a fé as técnicas aperfeiçoadas e comprovadas da educação em geral. No entanto, importa ter em conta em cada momento a originalidade própria da fé. Quando se fala de pedagogia da fé, não se trata simplesmente de transmitir um saber humano, mesmo o mais elevado que se queira pensar; trata-se, sim, de comunicar na sua integridade a Revelação de Deus. E ao longo de toda a história sagrada, e sobretudo no Evangelho, o próprio Deus serviu-se de uma pedagogia que deve continuar a ser modelo para a pedagogia da fé. (Cf. PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*: sobre a Catequese em nosso tempo**. 11.ed. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 66-67).

¹³ CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência da Educação a Pessoas não Especializadas**. 3. Imprensa. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 35.

¹⁴ CASTELHANO, João Nuno Frade Marques. **O Método de Cardijn: Ver, Julgar e Agir – A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural**. Porto: Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia, 2017 (Dissertação de Mestrado), p. 30.

¹⁵ Segundo Agernor Brighenti, ao afirmar que, Clodovis Boff argumenta que a Teologia da Libertação (TdL), se desenvolve em três momentos fundamentais, correspondentes aos três momentos do conhecido método pastoral: ver, julgar, agir da Ação Católica – a mediação sócio-analítica (MSA), a mediação hermenêutica (MH) e a mediação prática (MP). A primeira contempla o lado do mundo do oprimido, a segunda, o lado do mundo de Deus e, a terceira, contempla o lado da ação (Cf. BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. In: BRIGHENTI, Agernor. A epistemologia e o método da teologia da libertação no pensamento de Clodovis Boff. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1403-1435, out./dez. 2013. p. 1418.

¹⁶ Pode ser notado em: **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2006. p. 106-108. Disponível em: <<http://www.catequistasemformacao.com/2015/02/o-metodo-ver-julgar-agir-no-dnc.html?m=1>> (Acesso

textos bíblicos, estudando as técnicas de interpretação, conhecendo os gêneros literários, o contexto dos redatores e de suas comunidades. Outros ainda organizam cursos intensivos ou semanais, sobre os elementos fundamentais da doutrina cristã. Essa iniciação teológica se destina à liturgia, à pregação e à diaconia (serviço). Destaca-se pela forma mais organizada na reflexão e pela produção de material para uso pastoral¹⁷.

Como podemos contemplar, existe uma diversidade dos métodos para abordar a Educação Cristã. Embora, “A variedade nos métodos é um sinal de vida e uma riqueza” na formação de pessoas humanas por fornecer “as condições indispensáveis, a fim de que tal variedade seja útil e não prejudicial à unidade do ensino da única fé”¹⁸. Por outro lado, temos que reconhecer a finalidade da Educação Cristã, isto é, apesar dos muitos métodos diversos, a educação para a fé. Então, este trabalho de pesquisa é delimitado na teologia da Educação Cristã, mas que necessita de um método para realizar, na atualidade, um trabalho pedagógico na formação de pessoas em Educação Cristã e de evangelização através da ferramenta do método Ver, Julgar e Agir que “se apresenta como um método de corresponsabilidade e de abertura ao irmão e a Deus”¹⁹. Embora, o método Ver-Julgar-Agir não soluciona os problemas, mas é um método facilitador da compreensão da problemática e da busca real de soluções²⁰.

Sendo assim, este trabalho de pesquisa bibliográfica encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, vamos abordar uma compreensão sobre os fundamentos filosóficos e teológicos de uma pedagogia para a Educação Cristã, mas que tem a prática do compromisso com o Evangelho de Cristo dentro da mediação analítica da realidade cultural e social em concreto. Por isso, para tal abordaremos os seguintes autores: Alfonso Garcia Rubio, Clodovis Boff, Paul Tillich, César Moisés Carvalho e mais outros autores, como Andrés Torres Queiruga, José Carlos Libâneo e etc. A finalidade deste capítulo é abordar a verdade da fé no processo pedagógico da Educação Cristã.

No segundo capítulo, abordaremos o processo educativo da teologia pastoral através do método de mediação hermenêutica em diálogo cultural e social mediante a exigência pedagógica e teológica na formação da pessoa humana. Para tal abordagem, vamos pesquisar os seguintes autores: Hans Küng, Claude Geffré, Claudionor de Andrade e Jürgen Moltmann.

em: 29/06/2020 às 2051h). Ou ver em: CNBB, Documento 26. **Catequese Renovada**. 39. Ed. 3. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2014.

¹⁷ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**. 1.ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2010, p. 143.

¹⁸ PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*: sobre a Catequese em nosso tempo**. 11.ed. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 59.

¹⁹ CASTELHANO, João Nuno Frade Marques. **O Método de Cardijn: Ver, Julgar e Agir – A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural**, p. 4.

²⁰ FERREIRA, Reuberson Rodrigues. **Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco**, p. 226.

A finalidade deste capítulo é a verdade da experiência interpretativa do processo pedagógico e ministerial sobre Educação Cristã.

No terceiro capítulo, vamos propor um diálogo produtivo através da mediação da ação pastoral, entre Educação Cristã com a Pedagogia teológica integradora no processo de edificação do ser humano com a finalidade de se regenerar constantemente no processo de ensino e aprendizagem, enquanto ação concreta. Para tal abordaremos os seguintes autores: Karl Barth, José Severino Croatto, Paulo Freire e Clive Staples Lewis. Neste capítulo, vamos construir a verdade da fé na prática pastoral da Educação Cristã “como um fôlego novo, no anúncio e vivência da fé em Cristo”²¹. Como é a função administrativa da Educação Cristã na Igreja local? Quais as tendências pedagógicas? Mas o que importa é a educação para a fé cristã.

Por fim, este trabalho de pesquisa bibliográfico é um diálogo entre a pedagogia do método de Candiyn com os objetivos da Educação Cristã na Igreja, onde no processo pedagógico dos autores citados e de alguns outros autores ligados ao assunto em questão, vamos buscar compreender que, a formação cristã deve passar pelo anúncio do Evangelho no processo educativo e na procura responsável de “leva-lo à realidade concreta da vida das pessoas e das comunidades”²². Ora, a educação da fé exige vivência e testemunho que faz a pessoa humana a conhecer e aprofundar a fé concretamente na relação com Deus e com os outros. Todavia, a Educação Cristã é uma área da Teologia Pastoral que está voltada para a reflexão e o exercício educativo no contexto religioso cristão para dentro ou fora da comunidade eclesial, enquanto função social e pedagógica, está vinculada ao compromisso no seguimento de Jesus Cristo, mas, também, no compromisso de “trabalhar por um Reino de justiça e vida plena, que passa pela transformação da sociedade”²³. Portanto, a Educação Cristã é um processo de educação cristocêntrica com base na Bíblia, onde, tal processo pedagógico, é sustentado pelo Espírito Santo:

Ora sucede que há também uma pedagogia da fé; e nunca será demais o que se disser quanto ao que uma tal pedagogia pode contribuir para a catequese. É normal, efetivamente, que se adaptem em benefício da educação para a fé as técnicas aperfeiçoadas e comprovadas da educação em geral. No entanto, importa ter em conta em cada momento a originalidade própria da fé. Quando se fala de pedagogia da fé, não se trata simplesmente de transmitir um saber humano, mesmo o mais elevado que se queira pensar; trata-se, sim, de comunicar na sua integridade a Revelação de Deus. E ao longo de toda a história sagrada, e sobretudo no Evangelho, o próprio Deus serviu-se de uma pedagogia que deve continuar a ser modelo para a pedagogia da fé. Uma técnica não será

²¹ Ibid., p. 62.

²² Ibidem.

²³ RODRIGUES, Marilze Wischral. **Formação continuada de Educadores Cristãos – Vivendo a fé cristã no Culto Infantil**. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia – Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia, 2007 (Dissertação de Mestrado), p. 19.

válida na catequese senão na medida em que ela é posta a serviço da fé para transmitir e para educar; caso contrário, tal técnica não terá valor²⁴.

Enfim, partindo dessas observações, o presente trabalho de pesquisa se estrutura com base na pesquisa bibliográfica, conforme Lakatos e Marconi²⁵ trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material que seja fiel possível às mudanças na concepção e nas práticas da Educação Cristã e a sua teologia pedagógica já escrito até agora.

²⁴ PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*: sobre a Catequese em nosso tempo**, p. 66-67.

²⁵ LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987. p. 66.

2. MEDIAÇÃO ANALÍTICA DA REALIDADE DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DA SUA PEDAGOGIA NA IGREJA

Iahweh disse: “*Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas*”. Então disse Moisés: “*Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os israelitas?*” Deus disse: *Eu estarei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: quando fizeres o povo sair do Egito, vós servireis a Deus nesta montanha*” (Êxodo 3.7-12)²⁶

Neste capítulo, vamos abordar a realidade da Educação Cristã e de sua pedagogia através do diálogo com o método de Cardijn, mas no seu primeiro momento: a mediação sócio analítica, ou simplesmente Ver. E para este momento será necessário o envolvimento da Educação Cristã com a Pedagogia numa perspectiva teológica-filosófica e com a contribuição do teólogo e pedagogo César Moisés Carvalho; e dos teólogos e professores: Alfonso Garcia Rubio e Clodovis Boff; e do teólogo Paul Tillich. Portanto, vamos fazer uma abordagem crítica e integral, se necessário, da relação da Educação Cristã com a formação teológica e pedagógica na possibilidade de “dialogar com outras ciências e saberes, a fim de decifrar o sentido dos fatos e das grandes mudanças contemporâneas”²⁷. Embora, vivemos uma época com o avanço da globalização e do constante desenvolvimento da ciência e da tecnologia como verdadeiros desafios para “uma Pedagogia para a Educação Cristã” que:

Auxiliará ainda na intencionalidade do fazer pedagógico de milhares de professores, e também fortalecerá o aspecto relacional que deve haver em quem, instruído pelo Evangelho de Jesus Cristo, ensina. Romperá também com a equivocada ideia de que aprender é simplesmente acumular informações sobre o nosso credo denominacional²⁸.

Neste caso, os autores citados acima, trazem alguns fundamentos e contribuições teológico-filosófico para a Educação Cristã, enquanto uma formação para homens e mulheres “baseada na Bíblia e em comunhão com as comunidades eclesiais, ajudará a fé cristã a interpretar a realidade atual, à luz da revelação”²⁹. Ora, a Educação Cristã é um labor teológico em sua verdade de fé na realidade concreta, onde “o objeto teórico e o modo de sua apropriação, ou, em outras palavras, a matéria-prima e os instrumentos de produção, ou ainda o tema e o

²⁶ **Bíblia de Jerusalém**, p. 106. Deus expressa: “Eu vi, eu vi...” Aqui se pode conjecturar o método Ver como uma aplicação necessária para uma Teologia Pastoral. A situação concreta da realidade na mediação sócio analítica está no fazer e como fazer. É o fazer teológico na comunidade humana.

²⁷ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 65.

²⁸ CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência da Educação a Pessoas não Especializadas**, p. 31.

²⁹ MURAD, op. cit. p. 65.

modo de seu tratamento”³⁰, vem para acrescentar os aspectos na formação do caráter humano, isto é, no “caráter incondicional do imperativo moral, quanto no caráter transcendente da fonte última das exigências morais”³¹, onde o ser humano tem sede de verdade e de vida na formação da sua personalidade de forma integral. Então, a Educação Cristã deve ser uma dialética entre fé e vida, entre a experiência da vida concreta com a experiência de Cristo que se revela no “chão” histórico da realidade humana através do ensino e aprendizagem de uma educação cristã integral. Sendo assim, “é necessário mais reflexão, crítica, e fundamentação bíblico-teológica para aquele que desempenha funções de liderança na sua Igreja e está engajado em processos de evangelização”³².

2.1. A construção dos fundamentos teológicos e filosóficos da Educação Cristã na Igreja

A Educação Cristã é uma prática essencial da Igreja Cristã, e em todos os seguimentos, onde a principal bandeira é Cristo Jesus. Neste caso, os fundamentos teológicos e filosóficos da Educação Cristã estão baseados nos princípios bíblicos, isto é, a Educação Cristã tem o objetivo principal de ensinar as pessoas humanas a viver uma vida diferente baseada na “adoração, educação e missão”³³. Por isso, a doutora em Teologia, pastora, e consultora em Educação Teológica e Missiologia, Sherron Kay George afirma que:

A Igreja é uma comunidade litúrgica, ensinadora e missionária. Minha ênfase é na integralidade da educação e da missão. Nessa visão holística procuro as pontes entre a educação e a missão. Pelo batismo todos e todas que seguem e adoram a Cristo são discípulos missionários em todos os lugares e durante a vida toda. A EC ensina a Bíblia e a fé cristã para preparar as pessoas para a totalidade da vida e da missão. Essa educação nos dá uma visão integral e íntegra, um novo olhar sobre a vida. Na EC a igreja dá instrumentos e fundamentos para navegar pelas dificuldades do mundo real³⁴.

Por outro lado, temos que considerar a Educação Cristã em se fundamentar “de acordo com a urgência que nos deixou o Senhor Jesus em sua Grande Comissão (Mt 28.19,20 e At 1.8)”³⁵. Embora, seja necessário lembrar que a Educação Cristã não veio para substituir a

³⁰ BOFF, Clodovis. Teologia e prática. **REB**, Petrópolis, v. 36, n. 144, p. 789-810, 1976. Em especial o citado: p. 795.

³¹ TILLICH, Paul. **Moralidad y algo más: fundamentos para una teoría de la moral**. In: DUSILEK, Sérgio. **Ética Teológico-Filosófica**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2019. p. 61.

³² MURAD, op. cit., p. 142.

³³ GEORGE, Sherron Kay. Educação Cristã: um novo olhar sobre a totalidade da vida. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA**, v. 6, n. 1, p. 1-10, 2014.

³⁴ Ibid., p. 2. Embora a sigla EC significa Educação Cristã.

³⁵ ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã: a missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias**, p. 3.

educação no sentido secular da palavra, ou seja, aquela educação que “é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”³⁶, até mesmo aquela educação que aprendemos nos nossos lares. Mas, a Educação Cristã vem para acrescentar, de forma integral, a formação da fé cristã no caráter humano, isto é, o ser humano que busca, pelo processo educativo, a verdade e a vida na construção da sua personalidade. Então, podemos afirmar que “verdade e vida deveriam estar em harmonia em sua personalidade. Os conceitos contidos na Palavra de Deus deveriam se tornar realidade visível nele”³⁷.

Nesta perspectiva, a relação da educação com o Cristianismo, levando em conta o imenso valor cultural, ao longo do processo histórico, na formação de pessoas humanas está na base de ser uma construtora de civilização nas sociedades humanas. Por causa disso, o Cristianismo é constituído, desde a sua origem, um processo educativo de adoração, missão e pedagogia da fé. Ora, os possíveis objetivos deste processo educativo são semelhantes aos objetivos da educação secular ou laica conforme as várias tendências pedagógicas³⁸. Então, as várias tendências pedagógicas que são abordados na ciência da educação, na realidade concreta, cria fundamentos teológicos e filosóficos que parte da vida do ser humano em relação a sua fé dentro do mistério da vida e da razão de viver no processo de ensino e aprendizagem para a concretização do Reino de Deus anunciado pelo Mestre Jesus de Nazaré.

Para o pedagogo e teólogo César Moisés Carvalho, por outro lado, a necessidade de conhecer “uma pedagogia para a Educação Cristã” deve começar através dos fundamentos, do planejamento e gestão, da epistemologia e da Didática para enfatizar uma melhor compreensão da realidade concreta da Educação Cristã³⁹. Ora, a fundamentação da Educação Cristã na Igreja

³⁶ LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 16-17.

³⁷ RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 36.

³⁸ Segundo José Carlos Libâneo, “É necessário esclarecer que as tendências não aparecem em sua forma pura, nem sempre, são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda a riqueza da prática escolar. São, aliás, as limitações de qualquer tentativa de classificação. De qualquer modo, a classificação e descrição das tendências poderão funcionar como instrumento de análise para o professor avaliar sua prática de sala de aula. Utilizando como critério a posição que adotam em relação aos condicionantes sociopolíticos da escola, as tendências pedagógicas foram classificadas em liberais e progressistas, a saber:

A – Pedagogia liberal

1- Tradicional

2- Renovada progressivista

3- Renovada não-diretiva

4- Tecnicista

B – Pedagogia progressista

1- Libertadora

2- Libertária

3- Crítico-social dos conteúdos” (Cf. LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 20-21).

³⁹ Cf. CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas**, p. 39-41.

Cristã, com a sua verdade de fé, é compreendido, segundo Carvalho ao citar Décio Passos, como o “conhecimento lida com a verdade, ou seja, com processos e resultados que correspondam à realidade”, porém, “enquanto a verdade científica é, necessariamente, demonstrada a verdade de fé não pode ser demonstrada, mas tão somente aderida como pressuposto e como sobreposto de toda a ação humana”. Em outras palavras, temos que admitir:

Por conseguinte, a fé e seus objetos não podem ser demonstrados cientificamente. A tradição metafísica afirma a possibilidade de demonstrar pelo método lógico as realidades transcendentais: a causa e a finalidade última da realidade que coincidem com Deus. As tradições religiosas oferecem referências transcendentais que têm sua racionalidade própria; são razoáveis e não demonstráveis, uma vez que, no ato de assentimento da fé, a razão entra como faculdade capaz de discernir e orientar a vontade e a ação⁴⁰.

Nesta perspectiva, podemos observar que tanto o conhecimento religioso como o conhecimento científico caminham juntos para a formação da pessoa humana integral “como verdadeiros, bons e belos para a vida humana feliz”⁴¹. Por isso, Carvalho afirma:

Assim, é preciso ter em mente que, os conteúdos ensinados em todos os espaços considerados programas desenvolvidos sob o nome de Educação Cristã, são parte do que chamamos de Teologia que, por sua vez, nasceu do “conhecimento religioso como extravasamento racional, impulsionado pelo vetor ativo do *logos* grego, como fundamentação em conteúdos revelados da tradição judaico-cristã e como institucionalização de experiências místicas soteriológicas sobre Jesus, o Ungido (Cristo) de Deus”⁴².

Podemos construir uma fundamentação de Educação Cristã a partir da experiência de salvação, em Cristo Jesus na vivência da Igreja Cristã de forma integral, porque “a apropriação do saber bíblico-doutrinário visando a formação do caráter de Cristo nos educandos”⁴³ que recebe a formação pedagógica da Educação Cristã. A Educação Cristã é um processo de formação educativo com a finalidade de proporcionar a pessoa humana a transformação, a libertação e a devida capacitação dela e do meio na qual deve atuar. Ora, esta educação só ocorre junto à fé onde o seu desenvolvimento se encontra na aceitação da missão dada por Deus na pessoa de Jesus Cristo segundo as Escrituras Sagradas e baseada na crença de que “a pessoa, uma vez tendo uma experiência com Deus, deveria refletir no seu comportamento a visibilidade de uma fé que promove a qualidade de vida em nível social e pessoal”⁴⁴.

⁴⁰ PASSOS, J. D. **Teologia e outros saberes: Uma introdução ao pensamento teológico**. In: CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para Educação Cristã: Noções básicas da Ciência da Educação a pessoa não especializadas**, p. 43.

⁴¹ Ibid., p. 44.

⁴² Ibidem.

⁴³ CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para Educação Cristã: Noções básicas da Educação a pessoa não especializadas**, p. 195.

⁴⁴ GARCIA, Renilda Martins; SUNG, Jung Mo. **Educação Cristã, Escola Dominical e Revista Cruz de Malta: um triplice desafio à fé integral**. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO – Faculdade de Filosofia e Ciência da Religião. São Bernardo do Campo: [s.n.], 2005. p. 18.

Ainda, dentro desta perspectiva, César Moisés Carvalho, citando o educador Marcos Tuler sobre a Educação Cristã, conceitua:

Educação fundamentada no conhecimento das Sagradas Escrituras. Seu principal objetivo é instruir o ser humano no conhecimento de Deus; é levar o educando a alcançar a plena maturidade como ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. A educação cristã preocupa-se com o homem em seus vários aspectos: físico, racional, emocional, social e espiritual. Preocupa-se com a transformação progressiva do cristão no caráter, valor, motivação, atitudes e entendimentos do próprio Deus. Envolve todas as atividades e atitudes que têm lugar na Igreja, o corpo de Cristo⁴⁵.

Como podemos analisar, a Educação Cristã tem a preocupação com o desenvolvimento do homem de forma integral, mas direcionado aos princípios apresentados pelo Evangelho de Cristo Jesus como base na vida e convivência social. Em outras palavras, a Educação Cristã é um processo teórico e, ao mesmo tempo, prático no discurso religioso, mas baseado em conceitos filosóficos e teológicos de uma pedagogia educativa, com a experiência do conhecimento da encarnação do ser, da cultura e da fé que a igreja experimenta em sua totalidade com a sociedade concreta. Então, a sociedade humana é o campo fértil para a Educação Cristã, pois os fatos sociais, a respeito da tradução do humano na revelação bíblica nos revela que, no exercício educacional propriamente cristã, vamos deparar com vários “movimentos e orientações espirituais avessos ao compromisso social e político, orientados que estão por uma visão dualista do ser humano”⁴⁶. É o que vamos ver mais tarde no capítulo 3.

Como podemos analisar na construção dos fundamentos da Educação Cristã, temos que, pedagogicamente, trabalhar em um maior esforço filosófico e teológico no processo da comunicação, da pregação, da missão da Igreja na sociedade. Por isso, sabemos que o desafio da Educação Cristã é a superação deste dualismo na prática educativa do discipulado cristão, pois o humano deve experimentar a concreta comunhão com seu Criador e com todas as suas criaturas, vendo todo o universo criado com um dom de Deus⁴⁷ pelo processo de atualização permanente da Educação Cristã em nossa realidade concreta.

2.2. A prática pedagógica na Educação Cristã no século XXI: a questão da pluralidade epistemológica

⁴⁵ TULER, M. A. **Dicionário de Educação Cristã. Ferramenta indispensável a educadores cristãos de todos os níveis, professores de Escola Dominical e de Seminários Teológicos.** In: CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas**, p. 64-65.

⁴⁶ RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão Cristã.** 4.ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 8.

⁴⁷ Ibid., p. 170.

No cerne dos fundamentos da fé cristã, o processo de atualização da Educação Cristã é um desafio constante que coloca o ser humano como alguém responsável, zeloso do seu trabalho, pois “o homem se torna senhor da situação, transformando-a em paisagem humana e subordinando-a à satisfação de suas necessidades. Com isso, o homem realiza seu estatuto criacional de ser imagem e semelhança de Deus”⁴⁸ no processo pedagógico da Educação Cristã. Neste caso, para fundamentar a Educação Cristã como uma pedagogia para uma Teologia do processo educativo, é necessário olhar para Cristo Jesus como homem-Deus numa articulação epistemológica, ou seja, “Jesus Cristo é dos nossos, da família humana, e simultaneamente, é de Deus, realmente divino, pode ser a ponte entre Deus e os seres humanos, isto é, pode ser o Mediador”⁴⁹. A centralidade de Cristo Jesus é uma importante referência, de certa forma, fundamental na Teologia da Educação Cristã, pois é de notar, o aumento da responsabilidade pessoal da construção de uma pedagogia para Educação Cristã, cuja fundamentação teológico e filosófico incutiu a possibilidade da pluralidade de vivências entre a Igreja e sociedade. E sendo assim,

A todos aqueles que trabalham generosamente a serviço do Evangelho e aos quais eu acabo de exprimir os meus vivos encorajamentos, desejaria ainda lembrar uma recomendação que gostava de fazer o meu venerando Predecessor Paulo VI: “Como evangelizadores, nós devemos apresentar a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja. É preciso ver nisto uma fonte de responsabilidade, como também de reconforto”⁵⁰.

Por outro lado, atualmente existe uma diversidade de concepções que envolve a Educação Cristã, isto é, do ensino de Cristo Jesus. Por isso, dar-se as várias possibilidades em originar os diferentes tipos de Educação Cristã⁵¹. Ora, podemos notar os diferentes segmentos do cristianismo por possuir uma abordagem contendo uma cosmovisão pedagógica heterogênea, cuja complexidade epistemológica discorre ao longo dos primórdios dos ensinamentos do próprio Jesus Cristo na história humana com a pluralidade de vivências eclesiais, teológicas e missionárias. Então, Andrés Torres Queiruga faz a seguinte abordagem:

Hoje, superada a concepção da “revelação como ditado”, estamos bem conscientes do caráter *necessariamente interpretado* de toda a revelação bíblica; mais ainda, da pluralidade de “teologias” que a habitam. “Teologias” que, obviamente, puderam ter sido tão distintas para que

⁴⁸ BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo. Ensaio sobre a vocação humana**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 51-52.

⁴⁹ RUBIO, Alfonso Garcia. **O encontro com Jesus Cristo Vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias**. 14.ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 20.

⁵⁰ JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*: sobre a Catequese em nosso tempo**, n. 71, p. 83.

⁵¹ Neste caso, vamos ter que abordar e diferenciar a Educação Cristã da Educação Religiosa (por exemplo: Escola Bíblica Dominical – EBD), e do Ensino Religioso (nas escolas seculares e públicas). Embora, a Educação Cristã seja um elemento pedagógico para ambos.

o evangelho se estendesse por outros âmbitos. Pense-se tão-somente em como seriam a teologia, a liturgia e também a dogmática cristãs se, em vez de o cristianismo estender-se inicialmente pelo império romano, o tivesse feito pela Índia ou pela China. Sendo as “mesmas” – ou seja, tradução da mesma experiência fundamental –, seria, com toda segurança, muito difícil ver sua semelhança com as atuais. [...] Mas é história realíssima nas circunstâncias atuais, quando o anúncio do evangelho está chegando *de fato* a esses continentes e culturas. O ensaio mental se converte assim em consciência da enorme amplitude que se oferece ao encontro das religiões, e deveria ser convite para uma profunda mudança de mentalidade⁵².

Na verdade, a mudança de mentalidade começa pelo processo pedagógico da Educação Cristã que se constrói no diálogo de fé e conhecimento com as outras formas de saberes disponíveis, fornecidas por movimentos históricos desde a sua origem como nos nossos dias com a modernidade ou pós-modernidade. Ora, é possível afirmar que o cristianismo nasceu plural. A singularidade epistemológica das primeiras comunidades cristãs era a fé que professavam: Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Portanto, toda a perspectiva do Novo Testamento baseia-se, teologicamente, nesta concepção: Jesus Cristo é o Filho de Deus que encarna para resgatar a humanidade e reconduzi-la ao plano de relacionamento eterno com Deus. Jesus Cristo é quem dá forma à salvação, onde as especificidades de cada comunidade cristã giravam em torno desse núcleo fundamental. Mas o advento da Era moderna nos oferecem uma desintegração do conhecimento:

O tempo do saber unitário sofre, com o advento da Idade Moderna, um processo de desintegração crescente. O grande corte ou mutação situa-se a partir da Renascença, da Reforma e das Grandes Descobertas. Esses ‘movimentos’ invadem todos os setores da cultura e desmorona o horizonte familiar e protetor do cosmos que delimitava o espaço mental há milênios. O homem passa a tomar consciência de si num universo indefinidamente ampliado⁵³.

Nesta análise, que principia com a tomada de consciência acerca da insuficiência do conhecimento humano com o aparecimento de novos problemas, resultado da investigação científica no campo teológico da Educação Cristã e no ambiente acadêmico, como no campo das mudanças sociais e culturais, a nossa apreensão dos pressupostos bíblicos mais elementares para a pedagogia teológica no processo educativo da fé cristã. Portanto,

O tema do pluralismo religioso deve ser alvo de nossa atenção, pois faz parte de uma realidade de nosso tempo. A atual cristologia operante nas igrejas já não comunica às pessoas com maior grau de instrução, pois as mesmas originaram-se em um contexto mais crítico e distinto do que é majoritário nas igrejas atualmente. Faz-se necessário uma elaboração cristológica que dialogue

⁵² QUEIRUGA, Andrés Torres. **O diálogo das religiões**. Tradução Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 1997. p. 56-57. (Palavras em itálicos pelo próprio Queiruga). Uma observação: Para a pluralidade religiosa, todas as crenças religiosas são verdadeiras, contanto que busquem pelos mesmos objetivos: o bem celestial e a felicidade da alma. Para aceitar a ideia de pluralidade religiosa não precisa ser praticante de uma religião, já que esta é considerada uma filosofia e não uma religião em si. Por isso, não se deve confundir pluralidade religiosa com diversidade religiosa (Cf. SIGNIFICADOS. **Significado de Pluralidade**. Língua Portuguesa. 22/12/2014. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pluralidade/>> (Acesso em: 28/08/2020 às 15:30h).

⁵³ JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 47.

com o contexto pós-moderno, com vistas à manutenção da fé cristã. [...], em diálogo com o contexto pós-moderno, sobretudo relacionado à temática do pluralismo religioso, sobre a necessidade de uma cristologia que faça sentido nos contextos marcados por relativização e pluralidade⁵⁴.

De um modo geral, sobre a construção de uma cristologia em união com a soterologia, numa perspectiva teológica de Alfonso García ao apresentar e defender uma perspectiva integral entre as dualidades em relação a pluralidade de dimensões que vão constituir a natureza humana. Ora, com relação à necessidade da Educação Cristã, no ensino e aprendizagem, é possível uma teologia que focaliza as dualidades humanas como dualidades antropológicas, sem cair novamente em um dualismo quando educamos a nossa fé, sob a luz da encarnação de Deus em Cristo Jesus:

Convém frisar que o Novo Testamento reconhece a existência do dualismo no interior de cada ser humano, entre a realidade do “homem velho” e a realidade do “homem novo”, mas não se trata de um dualismo metafísico que aponta para dois elementos constitutivos do ser humano (espírito-matéria). Antes está referido a dois modos de existência antitéticos, em cada um dos quais está implicado o ser humano inteiro⁵⁵.

Simplificando, existe um processo dialético no ser humano inteiro onde é Jesus Cristo o fornecedor de um paradigma ou modelo de uma vida redimida que supera o dualismo interno no ser humano. Pois é uma questão de hermenêutica de um fato bíblico na nossa realidade concreta. Afinal, na Teologia da Educação Cristã, temos o conhecimento teológico que, segundo Lakatos e Marconi:

apóia-se em doutrinas que contêm proposições sagradas (*valorativas*), por terem sido reveladas pelo sobrenatural (*inspiracional*) e, por esse motivo, tais verdades são consideradas *infalíveis* e indiscutíveis (*exatas*); é um conhecimento *sistemático* do mundo (origem, significado, finalidade e destino) como obra de um criador divino; suas evidências não são *verificadas*: está sempre implícita uma atitude de fé perante um conhecimento revelado⁵⁶.

Como podemos observar, na conceituação de Teologia, definido por Lakatos e Marconi, que nos revela a compreensão da realidade do conhecimento religioso como algo fundamentado na fé e na revelação. Então, o objeto da ação educativa da Educação Cristã é a fé como objeto cognitivo e como uma dimensão subjetiva da relação humana com o seu Criador. Porque a fé é

⁵⁴ MARINHO, Tiago da Silva. Salvação e pluralismo religioso: uma discussão do tema a partir da cristologia de Roger Haight. **DISCERNINDO – Revista Teológica Discente da Metodista**. São Paulo, v.1, n.1, p. 93-106, jan./dez. 2013. Embora o que foi citado, encontra-se na p. 94 (Introdução). Marinho ainda afirma que “O que não se considera mais plausível, dentro do contexto dos desafios do século XXI, em especial a temática do pluralismo religioso, é que alguma religião se considere superior a outras” (Ibid., p. 97). Assim temos uma construção de um tipo de teologia: A Teologia do pluralismo Religioso.

⁵⁵ RUBIO, Alfonso García. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão Cristã**, p. 329.

⁵⁶ LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 79. (os conceitos em itálico é somente para destacar o valor da Teologia enquanto uma ciência da fé). Elas afirmam, inclusive, que um cientista pode ser um crente praticante, ser adepto de algum tipo de sistema filosófico, e orientar sua vida cotidiana por pressupostos oriundos do senso comum.

uma característica fundamental e universal da vida humana de uma busca de um relacionamento pessoal e comunitário com o transcendente. Por isso que, segundo o teólogo Paul Tillich, a fé é definida com dois conceitos complementares: a) *é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente*, isto é, é um interesse que existe obediência cega, independente, de seu conteúdo, e utiliza-se da força de ameaças e promessas; b) *é um ato da pessoa como um todo*, isto é, vem do centro da pessoa, atinge a globalidade do ser e transcende a dinâmica da vida humana⁵⁷. Ora, o ser humano tem, segundo Tillich, a necessidade da linguagem e da comunhão como um modelo educativo do espírito humano ter o poder de se expressar com clareza sobre o conteúdo da fé. Em outras palavras, é o fazer teologia através da Educação Cristã com “o único propósito foi destacar como os primeiros ensinamentos, ou rudimentos, da fé eram transmitidos como ‘doutrina cristã presente nas modalidades de devoção, espiritualidade e adoração’”. Então, para César Moisés Carvalho ao citar Pelikan com relação ao que era “ensinado como o conteúdo da palavra de Deus extraído pela exegese dos testemunhos da Bíblia e transmitido às pessoas da igreja por meio da proclamação, da instrução e da teologia desenvolvida na igreja”⁵⁸. Enfim, é na comunidade de fé, a Igreja, que “todos os que buscam a Deus sinceramente, procuram cumprir a sua vontade, conhecida por meio da consciência, e agem sob o influxo íntimo da graça podem obter a salvação”⁵⁹ em Cristo Jesus.

2.3. As consequências da pluralidade teológica e filosófica no ensino da Educação Cristã na Igreja

A Educação Cristã na Igreja, atualmente, vem enfrentando novos temas frutos de “uma mudança de época muito mais do que uma época de mudanças ou simplesmente mutações de compreensão”⁶⁰. Para o teólogo Afonso Murad, as mutações de compreensão estão relacionados com os “novos paradigmas”, ou melhor:

Os chamados “novos paradigmas” ou novas compreensões do mundo são na realidade a visão moderna do ser humano. No diálogo com novos saberes e diversas ciências, a teologia deve desenvolver a lucidez crítica de não só assumir temáticas novas em sua reflexão, mas também

⁵⁷ TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 5-24. Embora para Tillich, a fé contém conhecimento, sentimento e vontade. Ora, a predominância de um ou outro destes elementos pode determinar o caráter da fé. É justamente isto que determina a necessidade de educação permanente da fé em qualquer geração. Afinal, ao se procurar pelas coisas da fé, encontram-se as coisas do sagrado, isto é, daquilo que está “separado do mundo do cotidiano e das experiências comuns das pessoas” (Cf. Ibid., p. 13-14). A dinâmica da fé se confirma na dinâmica do sagrado dentro do processo da educação da fé cristã.

⁵⁸ PELIKAN, J. **A Tradição Cristã**. In: CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã**, p. 274.

⁵⁹ KÜNG, Hans. **Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico**. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 266.

⁶⁰ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 228.

propor uma maneira nova de pensa-las dentro de uma lógica diferente daquela que preside à razão moderna. [...] A unilateralidade da razão moderna, a questão ecológica, os desafios éticos, a nova consciência sobre as etnias, religiões, gênero, cultura, economia, política, corporeidade, evolução, revolução da informação e outros temas pedem aprofundamentos⁶¹.

Como podemos perceber, os “novos paradigmas” estão no imenso contexto social da nossa atualidade, isto é, da chamada Pós-modernidade, ou seja, temos a consciência que:

O mundo hoje é plural. As religiões são plurais. Com isso, a fé cristã é desafiada a revisar, partindo do pressuposto que Jesus é o seu cerne, sua cristologia. Quem deve ser Jesus para nós hoje? Como responder esta pergunta em diálogo com o contexto pós-moderno e ao mesmo tempo se mantendo fiel ao testemunho cristão original? [...] Três critérios extraídos da teologia são utilizados por Haight⁶² nesse processo de ressignificação de Jesus. São eles, fidelidade à tradição, inteligibilidade no mundo de hoje e o fortalecimento da vida cristã. [...] Com isso, podemos entender que Jesus, apesar de ser para o cristianismo, fonte, origem e fundamento, revela Deus, mas não o reduz nesta revelação. Desta forma, não se pode conceber a ideia de que a realidade transcendente infinita seja reduzida a um objeto concreto finito, que é Jesus. Jesus revela Deus, mas não é Deus. Jesus é símbolo de Deus para os cristãos, no sentido de que medeia um encontro existencial e experiencial, porém não se pode presumir que esta revelação aconteceu em termos histórico-empíricos⁶³.

Além disso, no que foi levantado por Marinho, temos que afirmar a nossa vivência num contexto de ambiência educativa e cultural, onde somos motivados a buscar por soluções para os nossos problemas humanos com a nossa fé em Jesus Cristo, tais como: Nazismo, Fascismo, Comunismo, Capitalismo e etc. Ora, uma pluralidade de conhecimentos em contextos diversos que reflete o nascimento pedagógico de uma consciência holística como reação ao excesso de fragmentação epistemológica da ciência; o esgotamento do dogmatismo da modernidade e de outros ‘ismos’ éticos e estéticos que possa derivar; o surgimento de epistemologias fracas, mais ou menos ligadas as mudanças na forma de ver a matéria e a energia⁶⁴. Portanto, os conceitos, as ideias, os valores, todos os produtos de uma época, pode-se revelar em “uma forma extrema de decomposição do modelo racionalista da modernidade”⁶⁵.

Em nossa análise, temos que compreender a realidade do ensino da Educação Cristã numa época onde a contemporaneidade é multireligioso. A relação entre o ensino da Educação Cristã com as religiões, numa sociedade plural e secular, não pode ser a mesma como era no século passado. Segundo Jüngen Moltmann, o mundo globalizado impõe a todos os habitantes do

⁶¹ Ibidem.

⁶² Roger Haight é um teólogo e um sacerdote católico jesuíta norte-americano, professor de teologia histórica e sistemática e autor de uma vasta obra teológica. Seu livro *Jesus, símbolo de Deus* recebeu o *Catholic Book Award* nos Estados Unidos. Este livro foi recentemente condenado pela Congregação para a Doutrina da Fé da Igreja Católica (Ver na Introdução do artigo de Tiago da Silva Marinho: *Salvação e Pluralismo religioso*).

⁶³ MARINHO, Tiago da Silva. **Salvação e pluralismo religioso: uma discussão do tema a partir da cristologia de Roger Haight**, p. 97-98.

⁶⁴ Cf. HORKHEIMER, Max. **O Conceito de Iluminismo**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983. p. 109.

⁶⁵ TOURAINE, Allain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.266.

planeta a condição de conviventes e não pode haver convivência sem diálogo⁶⁶. O diálogo faz respeitar e manter a singularidade do Cristianismo. É bom lembrar que, desde a origem do Cristianismo, a pluralidade foi necessária em sua construção. Sendo assim, em todo o processo histórico e educativo do Cristianismo, temos diversidades e pluralidades em sua formação teológico e filosófico. Portanto, temos a seguinte questão: como pode o Evangelho relacionar-se com os ensinamentos das demais religiões sem ofendê-las e sem ofender aqueles que, ainda acreditando-se cristãos e cristãs, creem que o multiculturalismo e o pluralismo (ou pan-ecumenismo) podem contribuir para a valorização do ser humano? Neste caso, o desafio da Educação Cristã, em nossa contemporaneidade, “não se trata apenas de saber a fé, mas de compreender a vida”⁶⁷. Então, para compreender a Vida, temos que estar no acontecer educativo do ser humano como ação e resultado do processo de formação das pessoas, ao longo das idades, para se tornarem adultos pelo que adquirem capacidades e qualidades para o enfrentamento das exigências postas por determinado contexto social⁶⁸. Em outras palavras,

Podemos dizer que a salvação não é uma experiência exclusiva da religião cristã. Diversas culturas, através de suas subculturas religiosas, criam arcabouços teóricos para a experiencição de uma fé salvífica que dê conta de dar sentido à vida. Em contrapartida, apesar das construções teológicas de cada religião em torno da salvação, o mundo parece ir de “mal a pior”, mesmo dentro dos específicos contextos culturais de cada religião. Sinais dos tempos como injustiça, pobreza, fome, violência, dentre outros, crescem cada vez mais, cooperando para o enfraquecimento da vida como um todo. Diante disso, nos deparamos com algumas perguntas: qual é o verdadeiro significado da salvação que Jesus medeia para a fé cristã? Como construir pontes de entendimento entre Cristãos e fiéis de outras religiões, na busca por *práxis* soteriológica capaz de contribuir para o bem-estar social comum?⁶⁹

Nesta perspectiva, a diversidade e a pluralidade do fenômeno religioso em nosso contexto social, norteia, no Cristianismo, uma busca por uma teologia da Educação Cristã que desenvolve uma postura ética de discernimento e de coragem na sociedade humana a fim de fazer, na prática, com que a fé em Cristo Jesus tenha o sentido da vida tanto para os homens como para as mulheres em nosso tempo com o objetivo de aumentar a nossa prática de serviço

⁶⁶ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *La iglesia fuerza del Espíritu*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978. p. 186.

⁶⁷ GIBELINI, Rosino. *A Teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 226.

⁶⁸ Cf. LIBÂNIO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, para que?* 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 73. Por outro lado, a filósofa Maria Lúcia de Arruda Aranha define a educação como “um conceito genérico, mais amplo, que supõe o desenvolvimento integral do ser humano, quer seja sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social” (Cf. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda (Org.). *Filosofia da Educação*. São Paulo: Editora Moderna, 1989. p. 49). Já para Libânio, a visão da pedagogia fundamenta-se em um conceito ampliado de educação, isto é, as práticas educativas não se restringem à escola ou à família. Mas o que justifica a existência da pedagogia como área do conhecimento, cuja especificidade é realizar uma reflexão global e unificadora da realidade da educação.

⁶⁹ MARINHO, Tiago da Silva. *Salvação e pluralismo religioso: uma discussão do tema a partir da cristologia de Roger Haight*, p. 100.

ao Reino de Deus de forma integral e libertador. Segundo Paulo Sérgio Lopes Gonçalves⁷⁰, o cientista da Religião, é necessário, “uma linguagem que apresenta um Deus compassivo, solidário com os seres humanos, a partir dos pobres, e efetivamente um ‘Deus da vida’” e que:

A epistemologia da teologia da libertação surgiu da constatação da insuficiência das formas descendentes de se fazer teologia e da própria germinação renovadora provocada pelo pluralismo teológico do século XX, cujo legado está marcado pelas articulações entre mistério e história, teologia e antropologia, fé e experiência, a perspectiva política na teologia fundamental e a teologia hermenêutica como forma de levar a cabo a relação entre palavra e história (GIBELLINI, 1990, p. 160-270)⁷¹. Por isso, a teologia é assumida como sabedoria, cuja inteligência coleta os dados da fé e os interpreta com o auxílio da filosofia, compreendida como parte da teologia para pensar o mundo e o homem, e das ciências humanas, concebidas como mediações analíticas, necessárias à compreensão da realidade histórica (GUTIÉRREZ, 1986, p. 15-74)⁷². Em sua sapiência de fé, a teologia é espiritual à medida que, enquanto ato segundo, emerge como intelecção da ação de Deus na história, na qual a humanidade é concebida a partir de um *locus* próprio da revelação divina: os pobres. Nesse *locus* está situada a *práxis* histórica libertadora, denotativa da redescoberta da caridade como elemento central da vida cristã e como operação real da fé, pois o “amor é o sustentáculo e a plenitude da fé, da entrega ao Outro e, inseparavelmente, aos outros. É este o fundamento da *práxis* do cristão, de sua presença ativa na história” (GUTIÉRREZ, 1986, p.19)⁷³.

Embora, na mesma linha da Teologia da Libertação (TdL), temos a Teologia da Missão Integral (TMI) que traz “uma proposta a uma *práxis* missional que visa, contextualização e o reconhecimento do homem em todas as dimensões de sua existência. E consequentemente a salvação total ‘integral’ deste homem” dentro de um contexto social e educacional do exercício da fé cristã. E como acertadamente René Padilla argumenta:

A missão cristã se orienta para o desenvolvimento de toda a pessoa e de todas as pessoas. Portanto, inclusive a formação de um novo estilo de vida, feito para permanecer, baseado em novos métodos de produção e novos padrões de consumo. Inclui também a criação de tecnologia subordinada ao ser humano e que respeite a natureza. O desafio para todos os cristãos é criar modelos de missão centrados num estilo de vida profético, modelos que apontem para Jesus Cristo como Senhor da totalidade da vida, para a universalidade da Igreja e para a interdependência dos seres humanos no mundo⁷⁴.

Ao traçar um paralelo entre TdL e TMI, no contexto de Educação Cristã na Igreja, poderíamos, a partir de uma conceituação holística, focar o desenvolvimento dos educandos cristãos, partilhando com eles não somente conhecimento, mas valores presentes na cosmovisão cristã de forma que estes não sejam meros receptáculos teóricos, mas, também, agentes de transformação e implantação do Reino de Deus na terra e contribuir como agente de

⁷⁰ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. A evocação do Pensiero Debole na Teologia da Libertação. **Interações: Cultura e Comunidade**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, v.13, n. 24, s. p., ago./dez., 2018.

⁷¹ GIBELLINI, R. *La Teologia del XX secolo*. Brescia: Queriniana, 1990. p. 160-270.

⁷² GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação. Perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 15-74.

⁷³ Ibid., p. 19.

⁷⁴ PADILLA, C. René. *Missão integral: ensaios sobre o Reino e a Igreja*. In: MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. *A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*, p. 189.

transformação em sua comunidade, cidade, estado e nação. Portanto, a Educação Cristã na Igreja é “um espaço privilegiado de formação para as lideranças cristãs, em diálogo com o mundo de hoje”⁷⁵, onde é possível compreender “a linguagem, os recursos didáticos, a abordagem e a densidade das informações são próprias”⁷⁶.

Nesta perspectiva, dentro de uma imensa pluralidade de teologias e filosofias na educação, então, o processo pedagógico da Educação Cristã deve promover uma relação integral entre a fé cristã e as grandes questões contemporâneas com a finalidade de:

Ajudar o cristão a compreender, interpretar e aprofundar sua experiência religiosa. Trazer as questões implícitas e explícitas que brotam nas comunidades e buscar respostas. Apresentar algo que faz pensar. Provocar a reflexão e o trabalho em grupos. [...] Por isso, a pessoa que promove a aprendizagem (professor, monitor) deve estar conectada com a realidade de seus interlocutores, usar uma metodologia que seja criativa e transmitir um conteúdo que seja compreensível e facilmente disseminável na comunidade⁷⁷.

Como podemos analisar, o processo pedagógico da Educação Cristã na Igreja vai depender do papel do educador cristão, e de sua capacidade de contextualizar a pluralidade teológica e filosófica da realidade da comunidade de fé, como:

Há muito para aprender, refletir e discutir com outros parceiros dos diversos saberes e ciências tais como: a genética, as ciências biológicas, a psicologia, a psicanálise, as ciências da religião, as ciências sociais, a política, a física e a ecologia. Este diálogo ajuda a repensar e a compreender as relações determinantes no seio da sociedade, a rever a teologia da criação, a abrir-se para novas compreensões no diálogo inter-religioso, a mudar paradigmas, práticas, conceitos e definições. Falar “de cima dos púlpitos” como uma autoridade que condena tudo, que sempre tem a última palavra, como se os únicos portadores da ética e do bom senso fossem os homens e mulheres de Igreja, é cair em total isolamento⁷⁸.

Diante dos desafios do mundo contemporâneo, temos que reconhecer a importância do diálogo. “O diálogo ajuda a manter-se em clima constante de escuta e aprendizagem. Hoje, a ciência e os demais saberes estão conscientes da relatividade e fragmentaridade do próprio conhecimento”⁷⁹. Não somente a teologia, mas também a teologia da Educação Cristã, que é um meio educativo que procura proporcionar ao indivíduo a transformação, a libertação e a capacitação dele e do meio no qual atua. Esta educação acontece junto à fé e se desenvolve como a aceitação da missão dada por Deus e revelada através de Jesus Cristo segundo as escrituras e na crença de que a Catequese ou a Escola Bíblica Dominical seja priorizada “como

⁷⁵ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: Introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 144.

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Ibid., p. 227.

⁷⁹ Ibid., p.230.

o principal espaço de educação cristã com vistas à transformação da pessoa e da sociedade”⁸⁰.

Em outras palavras,

Assim, a educação cristã passa a ter um papel além do religioso, sendo também de controle e de responsabilidade social, pois uma vez tendo exposto as ordens, as promessas e os desejos de Deus, assume para si a salvação ou a perdição da alma de cada indivíduo, e mais do que isso, a salvação de toda a humanidade através da fé⁸¹.

Ora, é a partir da Educação Cristã na Igreja, graças aos seus fundamentos teológicos e filosóficos, que, após a aplicação reflexiva de um determinado conteúdo, o educador(a) cristão(ã) é apto a exercer seu ofício em diálogo com a realidade concreta dos educandos e, ambos, vão contribuir para a transformação desta realidade em sintonia com a Palavra de Deus contextualizada na vivência dia após dia. Então, vamos perceber uma necessidade de uma possível leitura hermenêutica dos conteúdos e como são aplicados na formação do ser humano.

⁸⁰ GARCIA, Renilda Martins; SUNG, Jung Mo. **Educação Cristã, Escola Dominical e Revista Cruz de Malta: um tríptico desafio à fé integral**, p. 13.

⁸¹ PIMENTEL, Jéferson Polidoro Ruaro. Educação Cristã para o desenvolvimento da Ética e da Moral. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v.1, p. 853-868, 2012. Embora o que foi citado, encontra-se na p. 867.

3. MEDIAÇÃO HERMENÊUTICA DO DIÁLOGO TEOLÓGICO E FILOSÓFICO DO SER HUMANO NA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Ele (Jesus), então, lhes disse: *“Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?”* E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito (Lucas 24.25-27)⁸²

Realmente, vivemos em um século onde temos que aprender constantemente através das novas metodologias do compartilhamento de informações e trocas de experiências. É necessário ler e reler, interpretar e reinterpretar, isto é, exercer uma hermenêutica do diálogo humano numa educação permanente. O permanente diálogo da Educação Cristã, enquanto Teologia Pastoral da Educação Cristã ou, simplesmente, Teologia da Educação Cristã, com os outros saberes e ciências, podem proporcionar a prática pedagógica da linguagem humana e dos valores éticos e morais presentes nas Escrituras Sagradas na vida do ser humano, trazendo uma mediação hermenêutica de discernimento e de sabedoria. Sobretudo, a capacitação para interpretar e tomar as decisões corretas em pleno desafio de nossa contemporaneidade:

Encontramos, então, o princípio da *Sola Scriptura* em uma perspectiva mais popular, porque não restringe o acesso à Bíblia aos especializados da filosofia ou análise histórica, mas valoriza a potencialidade do receptor do texto, que possui em si instrumentos, através dos quais poderão interpretar as Escrituras, o que permite que até os mais iletrados tenham encontros salvíficos com o texto. Mesmo com todos os riscos previstos, a Bíblia entra na comunidade como instrumento de diálogo e inclusão. Como texto vivo, o texto bíblico dialogará com as subjetividades de seus receptores no processo de significação, e permitirá que os leitores tenham muitas faces e classes, sem que isso seja desqualificado encontrar no receptor e seus dilemas instrumentos para animação da fé e resposta às questões concretas da vida⁸³.

Como podemos perceber, “A Palavra Divina se manifestou em linguagem humana, com as limitações e condicionamentos que ela supõe. A revelação é continuamente reinterpretada, para alcançar o sentido original que Deus manifestou e assim atualizar sua mensagem”⁸⁴ na relação concreta da nossa vida em comunidade e em sociedade. Por isso a revelação escrita, a Escritura Sagrada, é um exemplo vivo de testemunho que vai remeter aos eventos históricos. O educador cristão ou um teólogo recebe o texto (uma literatura cristã ou texto sagrado) de uma comunidade concreta, interpretando-o dentro de uma cosmovisão tradicional na qual foi escrita. Embora, sabemos que “A transmissão da mensagem não é a repetição de um saber constituído uma vez por todas, mas uma atualização sempre nova do que foi manifestado em Jesus. Por

⁸² Bíblia de Jerusalém, p. 1833.

⁸³ OLIVEIRA, David Mesquiat de. & TERRA, Kenner R. C. **Experiência e Hermenêutica Pentecostal: Reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 130.

⁸⁴ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 18.

isso uma teologia viva é sempre atividade hermenêutica”⁸⁵. Portanto, em Educação Cristã, uma mediação hermenêutica é muito importante para atualizar, não somente o texto em si, mas o conteúdo da Escritura como da própria literatura cristã.

Neste capítulo, que aborda a mediação hermenêutica, temos como finalidade a busca da verdade da experiência interpretativa do processo pedagógico e ministerial na Educação Cristã. Para isso, vamos dialogar com os seguintes teólogos: Hans Küng, Claude Geffré, Claudionor de Andrade e Jürgen Moltmann. A mediação hermenêutica é filosófica e teológica, pois possui “A lucidez crítica não compromete em nada a espontaneidade propriamente teologal da fé”⁸⁶. Segundo o teólogo Claude Geffré, de alguns anos ou décadas para cá, dar-se na teologia a passagem do modelo dogmático, muito presente na produção das literaturas cristãs, para o modelo hermenêutico como interpretação plural, fazendo surgir “a função hermenêutica da teologia como atualização do sentido da mensagem cristã”⁸⁷. Então, no que toca a revelação, “hoje temos consciência mais viva de que a Palavra de Deus não se identifica nem com a letra da Escritura, nem com a letra dos enunciados dogmáticos. Dogma e Escritura são testemunhos parciais da plenitude do Evangelho, que é de ordem escatológica”⁸⁸. Ora, a própria Revelação da Escritura é uma interpretação, isto é, “A revelação atinge a sua plenitude, seu sentido e sua atualidade somente na fé que a acolhe”⁸⁹. Um exemplo disso, encontra-se no pensamento teológico de Jürgen Moltmann que relata sua experiência de vida:

Em 1944, com a idade de dezessete anos, fui mandado para a guerra. Colocaram-me num campo de prisioneiros juntamente com massas de meu povo. Foram três anos de trabalho forçado. Perdemos os nomes e nos transformamos em números. Ficamos órfãos de lar e de pátria; perdemos a esperança, a autoconsciência, e a própria comunidade. Experimentamos, então, o que poderíamos chamar de ochios, ou seja, a massa humana desorganizada, prisioneira, sem educação, sofredora, sem face, sem liberdade e sem história [...] ⁹⁰

Ainda prisioneiro, o jovem Moltmann e seus companheiros receberam de um capelão americano uma pequena cópia do Novo Testamento e dos salmos, o que o fez encontrar a fé cristã:

Eu pessoalmente mergulhei fundo, quando na prisão nas mãos de Deus. A noite escura das trevas divinas está na minha alma. Dessa necessidade o Cristo crucificado me deixou livre: quando de sua suplica registrada no Evangelho de Marcos: “*Meu Deus, por que me abandonaste?*” Então, tomei conhecimento de que ali estava alguém que, em seus temores, estava bem perto de ti. Ali

⁸⁵ GEFFRÉ, Claude. **Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica**. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1989 (Teologia Hoje). p. 24

⁸⁶ Ibid., p. 10.

⁸⁷ Ibid., p. 17.

⁸⁸ Ibid., p. 18.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ MOLTSMANN, Jürgen. **Paixão pela vida**. São Paulo: ASTE, 1978. p. 15.

estava alguém que em sua ressurreição, te leva consigo para a vida verdadeira. O Crucificado de Deus que experimentou as trevas divinas para a minha redenção⁹¹.

Portanto, Moltmann relata a experiência hermenêutica de um processo de “transformação imerecida” da qual ele participou. Embora, no campo de concentração ele experimentou o colapso de suas certezas e neste colapso encontrou uma nova esperança na fé cristã:

Nos anos em que fui prisioneiro de guerra, de 1945 a 1948, a história bíblica da luta de Jacó com o anjo do Senhor no Jaboc sempre foi para mim a história de Deus na qual reencontrei minha própria pequena história de ser humano. Entravamos nos pavores do fim da guerra e na miséria insolúvel das prisões do pós-guerra e lutávamos com Deus para sobreviver nos abismos do absurdo e da culpa. Saímos daqueles anos, “*mancando de uma coxa*” [...] ⁹²

Enfim, tal experiência interpretativa do teólogo Jürgen Moltmann na sua realidade contextual e situacional revela como nasceu a sua Teologia da Esperança. Ao contemplar a cruz de Cristo, ele dá um passo para além da história concreta de Jesus de Nazaré, interpretando-a como a morte de um profeta (perspectiva religiosa), de um escravo (perspectiva política) e a morte de um Filho (perspectiva teológica)⁹³. Sendo assim, a tarefa da teologia e do teólogo, segundo o professor de Ciências da Religião e de Teologia Pastoral da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), Roberlei Panasiewicz é que:

O teólogo é aquele que, ao compreender os evangelhos como *narração interpretativa* da primeira comunidade cristã do evento Jesus Cristo, ao perceber a tradição como retomada criadora da mensagem original e ao sentir a busca da comunidade atual, arrisca uma reinterpretação da linguagem da fé. Entretanto, Geffré alerta para o risco que apresenta a expressão “a tarefa do teólogo consiste em renovar a linguagem da fé”, pois é ambígua. O problema não é só de tradução, adaptação ou acréscimos novos em relação a um núcleo doutrinal, que permaneceria imutável⁹⁴.

Podemos concluir que entre a verdade e o teólogo há a distância de um caminho a peregrinar. Com esta finalidade, não podemos correr o risco de omitir de forma inconsequente “a fragilidade e o caráter provisório inerentes ao discurso humano sobre o mistério divino”⁹⁵. Enquanto reflexão acerca das realidades da fé, a teologia (Pastoral ou da Educação Cristã ou a própria Teologia em si) tem como objeto material de estudo o próprio Deus, e como objeto formal a sua revelação histórica. Portanto, é como argumenta o teólogo Clodovis Boff: “O que faz uma ciência não é seu assunto (objeto material), mas o modo como esse assunto é tratado

⁹¹ MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã**. Santo André: Academia Cristã, 2011. p. 14.

⁹² MOLTSMANN, Jürgen. **A Fonte da Vida. O Espírito Santo e a Teologia da Vida**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 9-10.

⁹³ SILVA, Francisco Arcanjo da. **A Cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann**. 2014. 126f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2014. p. 117.

⁹⁴ PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré**. São Paulo: Edições Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007. p. 91.

⁹⁵ HAMMES, Érico João. **Hermenêutica e teologia: interpretar é preciso**. In: PICH, Roberto Hofmeister; ZILLES, Urbano (Orgs.). **Filosofia, religião e ciência**. Porto Alegre: Edições Est, 2008. p. 58.

(objeto formal)”⁹⁶. Então, o processo pedagógico da teologia, enquanto ciência hermenêutica, constitui-se em uma interpretação histórica e profética dos fatos sadios da narrativa significativa e da exposição racional da fé revelada.

3.1. Diálogo entre a comissão cultural do Evangelho com a sociedade humana e sua diversidade

Finalmente, ele se manifestou aos Onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhe a incredulidade e a dureza de coração, porque não haviam dado crédito aos que o tinham visto ressuscitado. E disse-lhes: *“Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado. Estes são os sinais que acompanharão os que tiverem crido: em meu nome expulsarão demônios, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes, e se beberem algum veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados”* (Marcos 16.14-18)⁹⁷.

Neste sentido, é possível verificar que, em Jesus Cristo, o Deus de Israel se revelou como Deus de toda a humanidade. Ora, com isso, Jesus se converte na salvação de todas as culturas, como nos relata o apóstolo Paulo aos Gálatas: *“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”* (Gálatas 3.28)⁹⁸. Segundo o Teólogo Jürgen Moltmann, ao referir-se aos textos do Novo Testamento, no que tange a sua historicidade das culturas e sociedades, a interpretação hermenêutica se torna necessária, ao começar pelos Evangelhos, porque:

Os evangelhos não são lendas cúlticas, mas fornecem lembranças históricas sob os auspícios da esperança escatológica, embora, se possam encontrar também traços dessas lendas. A pregação missionária cristã não é palavra de revelação gnóstica, embora este tipo seja ocasionalmente usado também⁹⁹.

De fato, o Cristianismo nasceu sob o signo da hermenêutica. A teologia cristã, enquanto ciência hermenêutica, constitui-se em uma interpretação profética dos fatos e situações salutares como narrativa significativa e exposição racional da fé revelada. Mesmo assim, existem três atitudes reducionistas que podem ameaçar a integralidade do labor teológico em

⁹⁶ BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico: versão didática**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.21.

⁹⁷ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1785.

⁹⁸ Ibid., p. 2035.

⁹⁹ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã**. São Paulo: Herder, 1971, p.162.

Educação Cristã: o fundamentalismo¹⁰⁰, racionalismo¹⁰¹ e o integrismo doutrinal¹⁰². Contudo, para o teólogo Érico João Hammes, quando afirma que:

No contexto atual, a hermenêutica representa a alternativa necessária à superação do abismo entre o fundamentalismo e integrismo, de um lado, e o relativismo e indiferentismo de outro. De fato, vistos em sua natureza íntima, fundamentalismo e relativismo são extremismos que se tocam e se eximem de sua responsabilidade textual. De um lado, encontra-se o fundamentalismo, em sua convicção e certeza da redução de significado de um texto à sua capacidade de leitura do mesmo; de outro, tem-se o relativismo, que ignora o texto, na convicção de seu vazio¹⁰³.

Como podemos verificar, no contexto atual, a possibilidade da hermenêutica em facilitar o diálogo da comissão cultural do Evangelho com a diversidade da sociedade humana, pois todo o processo pedagógico da Educação Cristã como a própria teologia “passa a se compreender não mais como um discurso sobre Deus, mas a respeito da linguagem humana sobre Deus”¹⁰⁴. Afinal, “Não existe saber direto da realidade fora da linguagem e a linguagem é sempre uma interpretação”¹⁰⁵.

¹⁰⁰ Segundo o teólogo Afonso Murad, o fundamentalismo religioso não é um problema que afeta somente os mulçumanos extremistas. Em diferentes graus, ele está presente em cada religião, também em Igrejas cristãs. Para Murad, “Fundamentalismo” significa colocar o fundamento da fé nas manifestações do passado, sem espírito de diálogo com os outros. Os fundamentalistas fazem uma leitura “ao pé da letra” dos textos revelados, consideram-se os donos da única verdade, e buscam, num passado ideal, as soluções para enfrentar a crise da atualidade (Cf. MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia**, p. 19). Ora, o fundamentalismo emerge do conflito entre a fé tradicional e a racionalidade histórica e científica. O método histórico-crítico aplicado ao texto bíblico ocasionou a crise modernista no fim do século XIX e início do século XX. Com reação, o Papa Pio X publica a encíclica *Pascendi* 1907, apelando para a infalibilidade magisterial definida em 1870 (Concílio Vaticano I). Portanto, os católicos a invocam numa atitude integrista, enquanto que os fundamentalistas protestantes fazem recurso à infalibilidade da Escritura. Já o fundamentalismo americano profundamente arraigado no puritanismo e nos movimentos de *revival* ou despertar dos pentecostais e batistas, pretendem apresentar a ortodoxia da fé cristã (Cf. GOMES, Tiago de Fraga. **A teologia hermenêutica de Claude Geffré e a sua relevância para a teologia da revelação**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS, Porto Alegre, 2015. p. 62.).

¹⁰¹ Para Murad, no racionalismo, a pessoa compreende bem e fala com clareza sobre Deus, mas o conhecimento toma o lugar da espiritualidade. A razão se torna mais importante que a adesão pela fé. Ora, o conhecimento pode criar na pessoa a ilusão de que ela domina porque sabe. O apóstolo Paulo adverte: “O conhecimento incha, o amor é que constrói” (1Coríntios 8.1). Na fé, não é o domínio que conta, mas a entrega a Deus e a generosidade para com os outros. Aquele(a) que estuda e ensina a teologia deve cultivar a atitude de Moisés junto à sarça ardente: tirar as sandálias e reverenciar o mistério que o transcende. Quanto mais conhecemos sobre Deus e sua revelação, na mesma proporção reconhecemos que ele é infinitamente mais (Ibid., p. 19-20).

¹⁰² Agora o integrismo doutrinal sacraliza a tradição textual dogmática da Igreja sob a roupagem de uma fidelidade escrupulosa, recusando a hierarquia das verdades proposta pelo Concílio Vaticano II (*Unitatis redintegratio* 11 ou UR 11), pondo no mesmo plano de importância todos os ensinamentos eclesiais, numa busca obstinada por um fundamento seguro, isto é, “Existe uma ordem ou ‘hierarquia’ das verdades da doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diferente” (Cf. **Catecismo da Igreja Católica**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993. p. 37).

¹⁰³ HAMMES, Érico João. **Hermenêutica e teologia: interpretar é preciso**. In: PICH, Roberto Hofmeister; ZILLES, Urbano (Orgs.). **Filosofia, religião e ciência**. p. 59.

¹⁰⁴ GOMES, Tiago de Fraga. **A Teologia hermenêutica de Claude Geffré e a sua relevância para a teologia da revelação**, p. 12.

¹⁰⁵ GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**. In: GOMES, Tiago de Fraga. **A Teologia hermenêutica de Claude Geffré e a sua relevância para a teologia da revelação**, p. 12.

Por outro lado, quando vamos interpretar a grande comissão na vida da Igreja de Cristo, é possível notar o reconhecimento hermenêutico do projeto de Deus na vida da humanidade, porém, tal projeto, iniciado pela história da salvação, desde o Antigo e o Novo Testamento, tem o seu fundamento em Jesus Cristo em todas as culturas e sociedades. Pois, Jesus promove a sua missão de forma integral, isto é, trazer o Reino de Deus à sociedade humana, redefinindo seus valores, perspectivas, estruturas com o fim de que a comunidade eclesial tenha a responsabilidade, como um todo, de refletir a glória de Deus. E, assim, devemos nos conscientizar de que Cristo Jesus nos comissionou a pregar, a batizar e a fazer discípulos em todo o mundo. Portanto, no que se compreende por comissão cultural, nestas abordagens, é compreender e interpretar, na prática, a tarefa dada por Deus ao homem e a mulher de hoje, através da graça comum, o dom de produzir uma cultura do Evangelho que reflita as ordenanças originais da criação em todos os aspectos, ou seja, na família humana, no trabalho humano, na ciência, nas artes, na política, na economia, etc. Enfim, assumimos plenamente o Evangelho da Vida e da Liberdade diante da Lei proclamada por Paulo: “*Vós que procurais a vossa justificação na Lei rompestes com Cristo*” (Gálatas 5.4)¹⁰⁶.

3.2. Teologia Pastoral da Educação e formação integral da pessoa humana: superação do dualismo pedagógico

Aquele que ensina deve “*fazer-se tudo para todos*” (1 Cor 9,22), a fim de conquistar todos para Jesus Cristo... Particularmente, não imagine ele que lhe é confiado um único topo de almas, e que conseqüentemente lhe é permitido ensinar e formar de modo igual todos os fiéis à verdadeira piedade, com um só e mesmo método, sempre igual! Saiba ele bem que uns são em Jesus Cristo como que criancinhas recém-nascidas, outros, como que adolescentes, e finalmente alguns estão como que na posse de todas as suas forças... Os que são chamados ao ministério da pregação devem, na transmissão dos mistérios da fé e das regras dos costumes, adaptar suas palavras ao espírito e à inteligência dos ouvintes¹⁰⁷.

Em todo o contexto da teologia pastoral da Educação Cristã, onde a Igreja de Cristo se faz presente, é necessário interpretar, à luz das Sagradas Escrituras, a preservação da integridade holística do ser humano no processo de ensino e aprendizagem. Para o teólogo e pedagogo César Moisés Carvalho citando o Teólogo pentecostal Claudionor de Andrade na preocupação de definir a Educação Cristã na Igreja como um “programa pedagógico que, tendo por base a Bíblia Sagrada, visa ao aperfeiçoamento espiritual e moral dos que se declaram cristãos e

¹⁰⁶ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: Introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 187. Mas o texto em itálico é de minha autoria.

¹⁰⁷ **Catecismo da Igreja Católica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo: Edições Loyola, 1993. N. 24, p. 18.

daqueles que venham a atender o chamado do evangelho de Cristo”¹⁰⁸. Em outras palavras, devemos compreender a Educação Cristã como um programa pedagógico que visa um processo do desenvolvimento do ser humano através de uma série de eventos planejados, sistematizados e de educação contínua na imagem de Cristo Jesus de uma forma praticamente integral. Embora, exista um quadro no cristianismo que é fruto da omissão do ministério pastoral, isto é, “em muitas situações, o ensino das Escrituras tem sido deixado de lado, porque muitos pastores já não têm a Palavra de Deus como centro de suas vidas e de seu ministério”¹⁰⁹.

Porém, para César Moisés Carvalho ainda cita a Obra Teologia da Educação Cristã de Claudionor de Andrade ao reportar que a Educação Cristã:

É a ciência magisterial da Igreja Cristã que, fundamentada na Bíblia Sagrada, tem por objetivos:
 a) *A instrução do ser humano no conhecimento divino*, a fim de que ele volte a reatar a comunhão com o Criador, e venha a usufruir plenamente dos benefícios do Plano de Salvação que Deus estabeleceu em seu amado Filho.
 b) *A educação do crente*, para que este logre alcançar a perfeição preconizada nas Sagradas Escrituras [(2 Tm 3.16,17)].
 c) *A preparação dos santos*, visando capacitá-lo a cumprir integralmente os preceitos divinos da Grande Comissão [(2 Tm 2.15)]¹¹⁰.

Segundo Carvalho, a compreensão da definição elaborada por Claudionor de Andrade “são suficientes para entendermos que a Educação Cristã é uma atividade central da Igreja e que se faz imprescindível para os nossos dias”¹¹¹. Então, a Educação Cristã como uma pastoral educacional a serviço do Reino de Deus tem a necessidade de rever a possibilidade de dualismo pedagógico, isto é, de uma Educação Cristã que visa interpretar um dualismo substancial de dois sistemas de ensino. Mas a realidade da Educação Cristã se encontra na pessoa de Cristo Jesus e tal compreensão hermenêutica anula qualquer tipo de dualismo pedagógico no processo de Educação Cristã na Igreja por ser espiritual e integral que “suscita uma forma de vida, um seguimento que atinge toda a vida, toda a existência daquele que segue Jesus”¹¹².

Nesta perspectiva, podemos fazer uma releitura hermenêutica da narrativa da parábola dos dois fundamentos contada pelo Mestre Jesus:

Assim, todo aquele que ouve essas minhas palavras e as põe em prática será comparado ao homem sensato que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha. Por outro lado, todo aquele que ouve essas minhas palavras, mas não as pratica, será

¹⁰⁸ ANDRADE, C. C. **Dicionário Teológico**. In: CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas**, p. 65.

¹⁰⁹ LOPES, Edson Pereira; LOPES, Nívea Costa da Silva; DEUS, Pêrsio Ribeiro Gomes de. **Fundamentos da teologia pastoral**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 50.

¹¹⁰ ANDRADE, C. C. **Teologia da Educação Cristã**. In: CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã**, p. 65.

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² RIBEIRO, Eiton Vitoriano. A herança teológica e libertadora de J. B. Libânio, SJ. **REB: Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, Fasc. 296, p. 936-946, out./dez. 2014.

comparado ao homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela desmoronou. E foi grande sua ruína! (Mateus 7.24-27)¹¹³

Nesta narrativa, é possível encontrar a nossa realidade concreta com a dualidade pedagógica na construção de uma educação da nossa fé cristã, como nos apresenta Jesus na narrativa. Por isso, o fundamento de toda a vida cristã dentro de qualquer realidade histórico-cultural-social, encontra-se em Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Portanto,

O ensinamento de Jesus é claro: não se pode construir algo duradouro de qualquer maneira. Só quem escuta suas palavras e as põe em prática está construindo sobre a rocha. A crise que nós cristãos estamos vivendo tem suas raízes sociológicas e culturais bem concretas, mas nos obriga a reexaminar os alicerces e observar sobre que bases estamos construindo nossa vida cristã. Talvez não tenhamos arraigado o nosso cristianismo no alicerce sólido do Evangelho, mas em costumes, modas e tradições nem sempre de acordo com o Espírito de Jesus. Pretendemos apoiar nossa religião na segurança de nossas fórmulas e no rigor da disciplina, mas talvez não nos tenhamos esforçado muito em buscar a verdade do Evangelho. Vivemos às vezes muito atentos a códigos, rubricas, normas e consignas, e não aprendemos a enfrentar nossa própria responsabilidade e os riscos da liberdade cristã¹¹⁴.

Portanto, podemos perceber uma lógica de superação do dualismo pedagógico que envolve a Educação Cristã no desenvolvimento do ser humano no contexto histórico, social e cultural com integridade na sociedade humana, no relacionamento pessoal com Deus de forma dialógica, isto é, “Deus estabelece relacionamento pessoal com o homem. O homem responde pessoalmente à proposta de Deus”¹¹⁵. Este relacionamento é uma ponte pedagógica entre a concreta dimensão ética em compromisso com a vida, além da humana, em todos os sentidos e superar o dualismo existencial e pedagógico.

Por isso, a defesa da dignidade da pessoa humana comporta o compromisso, no interior das tensões e conflitos próprios a cada situação, contra a injustiça, a opressão, a miséria etc, que impedem os seres humanos concretos de desenvolverem sua riqueza pessoal. Comporta, sem dúvida, o compromisso com as pessoas que tem a sua dignidade aviltada ou negada, mas implica igualmente o compromisso em nível estrutural de tornar possível – com as mediações adequadas a cada contexto e a cada situação – uma sociedade qualitativamente diferente, dotada de estruturas a serviço da possibilidade de personalização para todos. Da coerência com que a Igreja viva estes compromissos depende a superação da acusação feita contra ela de que o valor e a dignidade da pessoa humana, por serem abstratos, não podem atingir nem transformar a realidade brutal das situações nas quais a pessoa humana é negada¹¹⁶.

Nesta perspectiva, temos uma visão hermenêutica e holística do ser humano, cuja formação e desenvolvimento pedagógico, em relação ao dualismo no processo pedagógico, é um desafio onde “o homem é solicitado a se decidir diante da proposta salvífica de Deus e a se decidir agora, na ambiguidade dos acontecimentos da história”¹¹⁷. Portanto, é na história

¹¹³ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1715-1716.

¹¹⁴ PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus: Mateus**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 97.

¹¹⁵ RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã**, p. 140.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 316-317.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 140.

humana, com suas potencialidades, que acontece o plano de salvação, onde a Educação Cristã deve colaborar com o fundamental desenvolvimento da pessoa humana, no sentido, que cada vez seja melhor e na transformação da imagem Cristo Jesus.

Em outras palavras, a superação do dualismo pedagógico, na formação do ser humano, deve fazê-lo experimentar a salvação através de quatro tipos de relacionamentos concretos, que é de fundamental importância ao equilíbrio e a harmonia na aprendizagem pedagógica: na relação com Deus, na relação com o outro, na relação consigo mesmo e na relação com o mundo¹¹⁸. Todavia, podemos ser um ser humano muito melhor, porque:

Viver como ser humano integral, como corpo, na Casa-Terra e na Família Comum, é compreender o quanto a vida é frágil e vulnerável. Os seres humanos, cristãos e não cristãos, pessoas de fé ou não, como sujeitos históricos não são apenas vítimas ou carrascos. Nós não apenas sofremos ou desfrutamos. Todos somos capazes de agir e de transformar nosso contexto¹¹⁹.

Enfim, como podemos observar a salvação tem um contexto que compreende o viver de forma integral, e, sendo assim é possível superar qualquer dualismo que envolve o ser humano. Então, é função da Educação Cristã trabalhar os fundamentos filosóficos e teológicos mediante a fé em Cristo Jesus que disse: *Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem, pois eu o sou*” (João 13.13)¹²⁰.

3.3. A Dimensão da interpretação e filosófica no universo da Educação Cristã

Na Sagrada Escritura, Deus fala ao homem à maneira dos homens. Para bem interpretar a Escritura é preciso, portanto, estar atento àquilo que os autores humanos quiseram realmente afirmar e àquilo que Deus quis manifestar-nos pelas palavras deles.

Para descobrir a *intenção dos autores sagrados*, há que levar em conta as condições da época e da cultura deles, os “gêneros literários” em uso naquela época, os modos de sentir, falar e narrar, correntes naquela época. “Pois a verdade é apresentada e expressa de maneiras diferentes nos textos que são de vários modos históricos ou proféticos ou poéticos, ou nos demais gêneros de expressão”.

Mas já que a Sagrada Escritura é inspirada, há um outro princípio da interpretação correta, não menos importante do que o anterior, e sem o qual a Escritura permanecia letra morta: “A Sagrada Escritura deve também ser lida e interpretada naquele mesmo Espírito em que foi escrita”¹²¹.

A Educação Cristã se fundamenta na Sagrada Escritura e a sua dimensão hermenêutica é plural, que abarca uma complexidade maior de análise e leitura dos textos bíblicos, conforme

¹¹⁸ Ibid., p. 309-317. É uma síntese bem básica para compreender o processo de experiência de salvação através dos relacionamentos, e relacionamentos são caminhos pedagógicos de aprendizado.

¹¹⁹ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 195.

¹²⁰ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1877. Numa perspectiva da Educação Cristã, Jesus reconhece o respeito dos seus discípulos. Embora, “o Mestre e o Senhor” são títulos que fornece a importância especial da autoridade de Cristo sobre a vida dos discípulos no processo integral do ser humano.

¹²¹ **Catecismo da Igreja Católica**, n. 109, 110 e 111 (III. O Espírito Santo, intérprete da Escritura), p. 40-41.

determinado conteúdo do contexto literário e histórico. Por isso, “Como Igreja de Cristo nossa missão abrange tanto a evangelização quanto a educação do ser humano na Palavra de Deus”¹²². Evangelização e Educação são uma dimensão hermenêutica de todo o processo pedagógico do Cristianismo, cujo horizonte interpretativo está bem presente, no modo de educar e viver a fé, na pessoa de Cristo Jesus. Contudo, requer uma maturidade na experiência de Deus no contexto da época e da cultura onde o ser humano está enraizado, com os seus modos de sentir, falar e narrar os seus processos de experiências com Deus.

Neste processo de Evangelização e Educação através da Palavra de Deus o ser humano se abre a um conjunto de interpretações que o teólogo Alfonso Garcia Rubio faz, desta possibilidade, um horizonte interpretativo, na forma como o ser humano cria na experiência da imagem de Deus no seu cotidiano, ou seja,

O horizonte, sempre presente, do profundo desprezo pelo mundo atual, a insistência na enormidade do pecado humano, a imagem de um Deus irado e vingativo, em quem a justiça punitiva sobressai sobre a misericórdia, só podiam levar a uma enorme culpabilidade. [...] Esta superculpabilidade é decorrente do fato de que a realidade do pecado foi muito mais ressaltada, na época estudada, do que a experiência do perdão. E isto em conexão, claro está, com a imagem prevalecente de Deus: justo e castigador em detrimento de sua bondade e misericórdia¹²³.

Por outro lado, o que ocorre com o processo da Educação Cristã como, também, com o fazer da teologia envolve, ambos, um processo interpretativo, isto é, existe uma responsabilidade interpretativa que o teólogo Claude Geffré apontou como o objetivo do fazer teológico “não é uma série de enunciados dogmáticos cuja compreensão estou buscando, mas é o conjunto dos textos compreendidos no campo hermenêutico aberto pela revelação”¹²⁴. Sendo assim, é possível compreender o processo hermenêutico que se aproxima da Sagrada Escritura bíblica, como *norma normans* na vivência do cristianismo, da tradição com quem dialogamos com um olhar crítico, neste caso das memórias cristãs, e da nossa experiência histórica de hoje¹²⁵. Portanto, toda uma imagem construída pelo ser humano sobre Deus através das Escrituras Sagradas, tendo um foco histórico, é um movimento que reafirma a pluralidade teológica e filosófica que combina perspectivas metodológicas no campo da Evangelização como no campo da Educação Cristã¹²⁶.

¹²² ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã: a missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias**, p. 16.

¹²³ RUBIO, Alfonso Garcia. **A Caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 193.

¹²⁴ GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 38.

¹²⁵ Ibid., p. 52.

¹²⁶ O procedimento do teólogo Claude Geffré se assemelha ao do teólogo Roger Haight. Pois Roger Haight enfatiza a necessidade da reinterpretação que articula ao mesmo tempo continuidade e descontinuidade na revelação cristã: “a reinterpretação é uma necessidade histórica, e a própria repetição é reinterpretação. Os símbolos tradicionais necessariamente modificam seus significados à proporção que a comunidade avança ao longo da história. Essa

Como podemos compreender, a dimensão da interpretação no campo da Evangelização e da Educação Cristã requer um horizonte hermenêutico e metodológico do nosso fazer teológico, que envolva um contexto cristão de pluralismo religioso no universo da Educação humana. Embora, seja necessário “um novo *modo de se fazer teologia* em um contexto inter-religioso: um novo *método* para se fazer teologia em uma situação de pluralismo religioso”¹²⁷, onde o processo possa ser semelhante e paralelo com as teologias da libertação ou da teologia da Missão Integral. Porém, tal processo metodológico é uma descoberta mais profundo para a teologia da Educação Cristã, pois envolve as “dimensões cósmicas do mistério de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo”¹²⁸. Neste caso, a Teologia da Educação Cristã tem o desafio de interpretar, na luz da fé, além do pluralismo religioso, as questões recentes como o caos ecológico fruto de uma sociedade de mercado sobre o mundo; as injustiças sociais cada vez mais intensas; a falta da igualdade de gêneros; discursões na área da política; as relações entre ciência e fé e a percepção holística da realidade, isto é, da integralidade na dimensão da percepção humana, que representam uma grande desafio pedagógico no processo do ensino e aprendizagem do universo da Educação Cristã na Igreja onde Jesus é o centro e o fim das Escrituras Sagradas: “*Vós perscrutais as Escrituras porque julgais ter nelas vida eterna; ora, são elas que dão testemunho de mim*” (João 5.39)¹²⁹.

3.4. A questão hermenêutica da dimensão do Evangelho na formação da pessoa humana

Por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de *pessoa*: ele não é apenas alguma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor, que ninguém mais pode dar em seu lugar¹³⁰.

necessidade histórica impõe a exigência moral de que a tarefa de reinterpretação seja apropriada de maneira consciente, reflexiva e crítica. Para o teólogo cristão, entretanto, isso suscita a questão da possibilidade de uma nova interpretação que seja a um só tempo diferente da revelação original e, no entanto, fiel a ela” (Cf. HAIGHT, Roger. **Dinâmica da teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 197).

¹²⁷ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 36. Realmente, é possível, dentre as novidades apresentadas pelo teólogo e padre jesuíta Jacques Dupuis que há uma ênfase dada ao desafio das teologias cristãs para um “salto de qualidade”. Então, devo retomar para Faustino Teixeira que a partir de nosso autor de referência, “faz-se necessária uma *metanóia* teológica, que propicie um triplo mecanismo de purificação: da memória, da linguagem e do entendimento teológico” (Cf. TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. In: **Concilium**. Teologia do Pluralismo Religioso: o Paradigma Emergente. Petrópolis: Vozes, n. 319, 2007/1. p. 27).

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1855. Jesus não questionou o fato de que o Antigo Testamento nos ensina a vida eterna (cf. 2 Tm 3.15); no entanto, insistiu que o Antigo Testamento também nos ensina a respeito do próprio Cristo, e que são inúteis os esforços daqueles que se recusam a enxergar Cristo nas Escrituras (Cf. **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 1381, ver nota de rodapé).

¹³⁰ **Catecismo da Igreja Católica**, n. 357, p. 103.

Como podemos perceber, o ser humano, a partir da antropologia cristã, ou melhor, da antropologia judaico-cristã, ou de diversas disciplinas como a antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, literatura, arte, biologia, teologia e etc., buscam compreender o conceito de pessoa humana de acordo com as suas especificidades. Embora, ao longo da história humana, este conceito ajudou a desenvolver a base para diversas propostas sociais e políticas de estrutura da sociedade em que vivemos. Pois, vivemos numa sociedade desigual e excludente, onde existe a exploração e a degradação, a escravidão e o tráfico de pessoas humanas, os terrorismos e a intolerância e tantas outras situações onde “os discípulos e discípulas de Cristo são chamados a serem presença transformadora. Portanto, nas palavras do apóstolo Paulo ao Romanos quando aconselhou: *“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”* (Romanos 12.2)¹³¹.

Nesta perspectiva do apóstolo Paulo, a pessoa que é uma pessoa humana tem o potencial para inovar radicalmente, pois a sua capacidade mental e espiritual pode “renovar e renovar-se. Pode abrir possibilidades onde só enxergamos impossibilidades. Pode criar, mesmo quando o desejo maior é desistir”¹³². Segundo Gabriel Perissê, a pessoa humana não é qualquer pessoa valorizada no Evangelho, ou melhor:

Ser pessoa é ser alguém, e não algo, e não coisa, e não mero elemento de um grupo qualquer, mesmo que esse grupo defenda propostas religiosas ou até mesmo se defina como um movimento cristão ou católico. A antropologia da pessoa humana é inerente à proposta cristã em sua radicalidade. Respira-se esta certeza de sermos pessoas em cada versículo do Evangelho, e ao longo de dois milênios, a Igreja, quando foi fiel ao seu Fundador, transmitiu esta certeza na sua vida sacramental, nos seus ritos, na sua ação apostólica e missionária, na sua arte, nas suas leis, na sua palavra¹³³.

Como podemos observar, a fé cristã traz a radicalidade do valor da pessoa humana, isto é, desde o nascimento da pessoa humana, a fé cristã defende o conceito do ser humano como pessoa. Tal conceito é sustentado pela antropologia judaico-cristã de maneira integradora, sem nenhum dualismo que reflita da natureza da realidade do ser humano. Em outras palavras, para o teólogo Renato Alves de Oliveira:

O conceito de pessoa surgiu em um contexto teológico-cristão. A tese de que o pensamento grego não conheceu o conceito de pessoa é compartilhada por filósofos como X. Zubiri (1984, p. 323), J. Marías (1971, p.33-34), E. Mounier (1964, p.23) e teólogos como O. Clément (1972, p. 32-35), J. L Ruiz de la Peña (1988, p. 155) e outros (SCHÜTZ; SARACH, 1973, p. 74; RUBIO, 2001, p. 304; SAYÉS, 2002, p. 217; SCOLA; MARENGO; PRADES LÓPEZ, 2000, p. 185; PESSOA, 2001, p. 2262). A filosofia grega, particularmente a platônica, não teria conhecido uma concepção

¹³¹ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1986.

¹³² PERISSÊ, Gabriel. **O conceito de pessoa: a inovação radical do cristianismo**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand15/perisse.htm>>. (Acesso em 19/10/2020 às 07:59h).

¹³³ Ibidem.

pessoal do ser humano porque o concebia como um espírito, uma realidade pertencente ao mundo do eterno, do imutável e do universal. O espírito divino seria transcendente em relação à realidade sensível, particular e múltipla. As características universais do espírito se particularizariam no corpo, a parcela da realidade da matéria. Esta individualização faria com que o ser humano se tornasse uma abreviatura do mundo sensível. A individualização corporal da universalidade do espírito, resultando o ser humano, seria um sinal de decadência para o espírito. A fase encarnada do espírito seria provisória e purificatória. Desta forma, o espírito almejava, pelo advento da morte, se libertar das ataduras e do confinamento corporal e retornar ao seu estado eterno, universal e imortal. O espírito, em sua dimensão desencarnada, teria um alto grau de pureza (MÜLLER; HALDER, 1974, p. 445; RUBIO, 2001, p. 304; RUIZ DE LA PEÑA, 1988, p. 156; SCHÜTZ; SARACH, 1973, 74)¹³⁴.

Mesmo assim, o contexto do conceito amplia o horizonte da antropologia cristã como argumenta o teólogo Garcia Rubio:

O encontro com Deus salvador-cristão da revelação bíblica nos leva a perceber que existe outra maneira, muito distinta da perspectiva dualista, de considerar o ser humano e a realidade toda criada por Deus. De fato, é o que pretendemos clarificar nestas nossas conversas. Como início desta nossa caminhada basta acenar para o fato de que se trata de uma visão integrada do ser humano e da realidade, uma visão que não tem medo de reconhecer que existe no ser humano pluralidade de dimensões. Esta grandeza do ser humano e também o difícil desafio de viver as relações entre estas dimensões de maneira inclusiva e não exclusiva, sem negar as diferenças e as tensões entre as mesmas¹³⁵.

Diante da visão integrada do conceito do ser humano como pessoa humana, pois “A imagem divina está em cada pessoa. Resplandece na comunhão das pessoas, à semelhança da união das pessoas divinas entre si”¹³⁶. Então, a dimensão teológica da pessoa humana se encontra:

Em sua condição de imagem de Deus e de criatura chamada à existência por Deus, segundo a tradição judaica e cristã. Como criatura que recebe a sua existência como um dom, a pessoa está orientada para Deus. Entre Deus e a pessoa há uma relação interpessoal, um tu-a-tu. Em virtude de seu fundamento transcendente, a pessoa tem um primado onto-axiológico sobre as demais criaturas. A pessoa é detentora de um valor absoluto e não pode ser instrumentalizada em função do estado, do mercado e nem da religião. Esta pessoa é uma magnitude indefinível e misteriosa, assim como o é o Deus que a criou. A pessoa é um reflexo do mistério de Deus. Todo amor,

¹³⁴ OLIVEIRA, Renato Alves de. A dimensão teológico-cristã da pessoa humana. **Horizonte**, Belo Horizonte: PUC Minas, v. 14, n. 42, p. 557-605, abr./jun. 2016. Mas a citação se encontra na p. 560.

¹³⁵ RUBIO, Alfonso Garcia. **Elementos de antropologia teológica. Salvação cristã: salvos de quê e para quê?** Petrópolis: Vozes, 2004. p. 34. Para Garcia Rubio, o ser humano apresenta uma *dualidade*, porém, não pode ser visto em perspectiva *dualista*. Por *dualidade*, compreendemos um dado real que faz parte da natureza humana. A *dualidade* de dimensões que forma o ser se apresenta em: razão-afetos, espiritualidade-corporalidade etc., mas que são vistas em *unidade*. Já *dualismo* significa acentuar o valor de uma dessas dimensões em detrimento da outra com a qual se encontra em conflito. Alguns exemplos ajudam a ilustrar essa diferença: quando a razão suplanta e rejeita a afetividade, temos uma prática *dualista*; mas quando a razão é lida a partir da afetividade, desenvolvemos uma perspectiva de *dualidade* na vida humana. Quando a preocupação com a espiritualidade, demonstrada na ênfase na oração, supera e negligencia o compromisso social da fé cristã, verifica-se uma prática *dualista*, pois a prática da primeira impede a realização da segunda. Mas quando o encontro com Deus, por meio da oração, conduz ao encontro com o próximo e suas necessidades concretas, temos uma prática de *dualidade*, que é experimentada “na unidade que é a pessoa concreta” (Ibid., p. 35. Embora esta citação se encontra em: VASCONCELLOS, Márcio Simão de. **Teologia da Missão**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2019. p. 118).

¹³⁶ **Catecismo da Igreja Católica**, n. 1702, p. 467.

respeito e veneração prestados a Deus, também devem ser devotados à sua imagem, a pessoa humana¹³⁷.

Para o teólogo Renato Alves de Oliveira, o conceito de pessoa humana tem a sua origem na “experiência de si mesmo, enquanto um ser pessoal, e depois, a partir dela, interpretasse a divindade transcendente. Assim, o que fundaria a condição do ser pessoal do divino seria a condição de ser pessoal do ser humano”¹³⁸. Tal afirmação, coloca a pessoa humana como uma questão hermenêutica da dimensão do Evangelho: “*Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura*” (Marcos 16.15)¹³⁹. Ora, a questão hermenêutica do Evangelho é simplesmente “a encarnação de Jesus Cristo. Depois que o Filho de Deus se fez um como nós, exceto no pecado, todas as realidades humanas foram tocadas e estão sendo transformadas pela graça divina”¹⁴⁰. Portanto,

Se o absoluto é pessoa, não se trata de um singular absoluto. Nesse sentido, o conceito de pessoa inclui necessariamente a superação do singular. Mas, ao mesmo tempo, devemos reconhecer que a profissão de fé num Deus que é pessoa na forma de três pessoas rompe com todo e qualquer conceito ingênuo e antropomorfo de pessoa. De uma maneira velada se afirma que a personalidade de Deus ultrapassa infinitamente a maneira de ser pessoa do ser humano¹⁴¹.

No entanto, é possível compreender que a dimensão do Evangelho de Cristo Jesus, é direcionada para as pessoas. A chave hermenêutica se encontra na relação com Deus, isto é, “A pessoa humana participa da luz e da força do Espírito divino”¹⁴². Por fim, podemos afirmar que:

É a relação com Deus que fundaria o ser pessoal do ser humano. Assim, “a origem do conceito de pessoa se encontra no terreno da experiência religiosa, no encontro com a realidade divina” (PANNENBERG, 1974, p. 20). Encontrando-se com Deus, o ser humano se encontraria consigo mesmo. Deste modo, o conceito de pessoa não teria sua origem na antropologia, mas na teologia¹⁴³.

Enfim, o processo hermenêutico de compreender a pessoa humana na teologia da Educação Cristã, é uma questão relacional e vivencial que favoreça o desenvolvimento do Evangelho em todos os níveis culturais e sociais da nossa sociedade humana.

¹³⁷ OLIVEIRA, Renato Alves de. **A dimensão teológico-cristã da pessoa humana**, p. 557.

¹³⁸ Ibid., p. 559.

¹³⁹ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1785. Segundo João Batista Ribeiro Santos, o termo *euangélion*, no grego: *ευαγγέλιον*, significa “pagamento pela transmissão de uma boa notícia”. Surgiu em meio aos imperadores de Roma, que anunciavam o nascimento de um filho e futuro imperador com a boa notícia, que era transmitida por pessoas pagas por ele. A Igreja Cristã tomou esse termo para si, para designar a boa notícia que era o Cristo (cf. Mc 16,15; Rm 1,1,16; 1Co 15,1; Gl 1,11). Os evangelhos em geral relatam a biografia de Jesus; são fontes de conhecimento sobre nascimento, ministério, morte e ressurreição. Os evangelhos aceitos pelo Cânone Cristão foram Mateus, Marcos, Lucas e João (Cf. SANTOS, João Batista Ribeiro. **Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a palavra de Deus**. São Paulo: Didática Paulista, 2006. p. 161).

¹⁴⁰ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: Introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 31.

¹⁴¹ RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**. In: OLIVEIRA, Renato de. **A dimensão teológico-cristã da pessoa humana**, p. 562.

¹⁴² **Catecismo da Igreja Católica**, n. 1704, p. 467.

¹⁴³ OLIVEIRA, Renato Alves de. **A dimensão teológica da pessoa humana**, p. 559.

4. CONTRIBUIÇÃO DA AÇÃO PASTORAL DA PEDAGOGIA AUTÔNOMA NA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Naquele dia, saindo Jesus de casa, sentou-se à beira-mar. Em torno dele reuniu-se uma grande multidão. Por isso, entrou num barco e sentou-se, enquanto a multidão estava em pé na praia. E disse-lhes muitas coisas em parábolas. Ele dizia: “*Eis que o semeador saiu para semear*” (Mateus 13.1-3)¹⁴⁴.

Tu, porém, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo; tu sabes de quem o aprendesse. Desde a infância conheces as Sagradas Letras; elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda boa obra (2 Timóteo 3.14-17)¹⁴⁵.

Neste capítulo, vamos tentar buscar as contribuições da Educação Cristã para uma ação pastoral no contexto da igreja local, de forma autônoma, através de uma pedagogia prática para o desenvolvimento do cristão e da cristã como uma pessoa humana na sociedade. Ora, “Se a Igreja cresceu, cresceu ensinando a Palavra de Deus a toda a criatura; se expandiu-se evangelizando e discipulando”. Portanto, “Hoje, o caminho que temos a seguir é o mesmo. Sem o magistério do Evangelho, inexistiria a Igreja de Cristo”¹⁴⁶.

Nesta perspectiva, temos um desafio de estabelecer uma Educação Cristã que tenha uma pedagogia teológica autônoma, na aplicação pastoral na realidade concreta das pessoas humanas, porque:

A tradição da Igreja está repleta de momentos históricos que privilegiam o elemento místico e a experiência mais profunda da fé, tanto em nível individual como comunitário, e que envolvem a totalidade dos sentidos humanos. Cabe resgatar algo dessa riqueza espiritual. Muitos dos fiéis que ainda frequentam a igreja não desejam encontrar no culto a mesmice do mundo cotidiano. Eles

¹⁴⁴ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1727. Segundo João Batista Ribeiro Santos, o termo “parábola”, pode ser conceituada como “aquela forma de discurso em que se procura garantir o efeito de uma frase (um pensamento) pela justaposição de outra frase a ela semelhante” (A. Jülicher); narrativa ficcional ou verdadeira que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade. Difere do provérbio neste ponto; não é a sua apresentação tão concentrada, aforística como o provérbio (*maxal*); a parábola contém mais pormenores, exigindo menor esforço mental para se compreender. E difere da alegoria, porque esta personifica atributos e as próprias qualidades, ao passo que a parábola nos faz ver as pessoas na sua maneira de proceder e de viver. E também difere da fábula, visto como aquela se limita ao que é humano e possível. Portanto, a parábola é sempre *dito* de situação concreta da vida (Cf. SANTOS, João Batista Ribeiro. **Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a Palavra de Deus**, p. 366). Embora, foi apenas para os discípulos que Jesus deu a interpretação da parábola de semeador (vs. 18-23), a qual ele havia contado anteriormente para toda a multidão (vs. 3-9). Portanto, para João B. R. Santos, o emprego contínuo das parábolas por Jesus Cristo, que tinham paridade com a sua vida, fez com as parábolas fossem adaptadas à comunidade e ao método de ensino ministrado ao povo no templo e na sinagoga. Os escribas e os doutores da Lei faziam grande uso das parábolas e da linguagem figurada, para ilustração das suas homilias. Tal era a *Hagadad* dos livros rabínicos. A parábola, tantas vezes aproveitada por Jesus no seu ministério, (Mc 4,34) servia para esclarecer os Seus ensinamentos, referindo-se à vida comum e aos interesses humanos, para patentear a natureza do Seu reino, e para experimentar a disposição dos Seus ouvintes (Mt 21,45; Lc 20,19). As parábolas de Jesus Cristo diferem muito umas das outras. Algumas são breves e mais difíceis de compreender; outras ensinam uma simples lição moral, outras uma profunda verdade espiritual; formulam perguntas retóricas, normas éticas, demonstração de impossibilidades (Ibid., p. 366-367).

¹⁴⁵ Ibid., p. 2077. Como podemos perceber, “É na leitura assídua da Escritura que o homem de Deus nutre sua fé e seu zelo apostólico (vv. 15-17)”. Cf. nota de rodapé.

¹⁴⁶ ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã: a missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias**, p. 27-28.

buscam a alteridade do encontro e da experiência com Deus. No afã de acertar o passo com o mundo, a Igreja negligenciou o cultivo da esfera mais profundo ligada à verticalidade da fé. Ora, a prática cristã e a espiritualidade que a sustenta correm o perigo da superficialidade na mesma proporção em que permanecem na esfera da horizontalidade¹⁴⁷.

Podemos observar que o caminho prático da Educação Cristã, enquanto um fazer teológico, tem como fonte o Evangelho, a práxis de libertação pedagógica e a práxis bíblica na autonomia de todo o ser humano. Então, estamos numa mediação prática da Educação Cristã, que tem como objetivo levar o crente, que é uma pessoa humana, à maturidade da sua fé cristã. E para isso, vamos construir uma abordagem a partir de Karl Barth, José Severino Croatto, Paulo Freire e Clive Staples Lewis. Embora, sejam necessários outros autores para fixar o fazer teológico da Educação Cristã em nossos dias atuais.

4.1. Educação Cristã como fonte do Evangelho na integridade do ser humano: Alteridade

E, eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: *“Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”* Ele disse: *“Que está escrito na Lei? Como lês?”* Ele, então, respondeu: *“Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”*. Jesus disse: *“Respondeste corretamente; faze isso e viverás”*. Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: *“E quem é meu próximo?”* (Lucas 10.25-29)¹⁴⁸.

A Educação Cristã tem o objetivo de educar o ser humano, não somente para si, mas para o outro. Quem é, então, o outro? Na verdade, vivemos em tempos onde a indiferença social é profunda, e isto, está afetando bilhões de pessoas no planeta Terra, é um desafio educacional para a ciência da Educação em nossos dias. Portanto,

à luz dos princípios do Evangelho é preciso buscar a superação desta problemática humana. O Evangelho orienta para a prática da compaixão. Os cristãos fiéis ao Evangelho já provaram historicamente que são capazes de práticas solidárias com as pessoas em total desalento humano e social. Pela força do Evangelho, logo, por vocação cristã, é preciso colocar-se no lugar do outro, do sofredor, e dessa forma fazer a diferença numa sociedade da indiferença¹⁴⁹.

¹⁴⁷ HOCH, L. C. **Reflexões em torno do método da Teologia Prática**. In: CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da ciência da Educação a pessoas não especializadas**, p. 299. Segundo César Moisés Carvalho, citando Hoch, “Cabe à teologia Prática alertar para a necessidade de recuperar para os dias de hoje o equilíbrio entre a dimensão vertical-subjetiva e a dimensão horizontal-racional do fazer teológico”, isto é, diz Hoch, “entre a fé que pensa e age e a fé que experimenta o que crê”. Isso porque, para o mesmo autor, a “fé não tem apenas uma lógica, ela tem também uma mística” (Ibidem). Então, a Educação Cristã é um processo de maturação da fé cristã de forma planejada, sistematizada e contínua na formação do crente, enquanto uma pessoa humana, numa realidade concreta, no contexto histórico-cultural do seu tempo.

¹⁴⁸ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1808.

¹⁴⁹ DEBIASI, Miguel. **Alteridade: colocar o outro no lugar**. Tua Rádio Veranense, 23/03/2020. Disponível em: <<https://www.tuaradio.com.br/Tua-Radio-Veranense/colunistas/alteridade-colocar-o-outro-no-lugar>> (Acesso em: 23/10/2020 às 14:03h). Para o Mestre em Filosofia e Teologia, Frei capuchinho Miguel Debiassi, o conceito “alteridade” vem do latim *alter* que significa o outro, diferente, o oposto, contrário. Alteridade, do grego: *αὐτότερος* (*hé-teros*), que significa outro. E no sentido derivado, *Alterar*, significa colocar outro no lugar. O filósofo e pedagogo austríaco e naturalizado israelita, Martin Buber (1878-1965) em sua obra *Eu e Tu*, reflete sobre a

Como a nossa situação é complexa e, ao mesmo tempo, plural, é necessário a formação da consciência crítica do ser humano, isto é, “a formação da consciência crítica se dá pelo *diálogo* engajado na *práxis* social, política, econômica: *diálogo* e *práxis* são duas dimensões-chaves da construção da consciência crítica, que pode mobilizar uma intervenção social transformadora da realidade”¹⁵⁰. Então, a Educação Cristã com todo o seu planejamento e didática estrutural deve trabalhar a formação da consciência crítica a partir do diálogo do Evangelho com o compromisso na *práxis* do contexto da realidade concreta, pois “a alteridade aproxima, reconhece, responsabiliza-se e abraça. A liberdade se torna responsável, passa a ser um problema de justiça e, com isso, a liberdade se torna verdadeiramente livre, na vocação amorosa de reconhecimento da dignidade humano do Outro”¹⁵¹.

Por outro lado, a dignidade humano do Outro é uma realidade ética onde a alteridade trata-se da ética fundamentada no outro, mas em Educação, ela é um diálogo produtivo na formação da consciência crítica. E como afirma Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”¹⁵². Sendo assim, é possível compreender a alteridade como construção na relação, na interação entre sujeitos, entre pessoas humanas. É como Bentes e Lobato afirma:

A alteridade resulta da relação de reciprocidade entre sujeitos, uma relação em que um e outro se sentem problematizados pelos desafios comuns do próprio contexto em que vivem. E mediante o diálogo e a cooperação, os sujeitos vão se constituindo, nas suas singularidades pessoais e nas suas identidades coletivas. Portanto, a alteridade se desenvolve na interação entre os sujeitos. Parte do pressuposto de que cada pessoa, cada grupo social, cada comunidade, cada cultura, cada povo se torna sujeito autônomo, protagonista de produção de seu modo de vida, pelas opções, estratégias e organizações que vai construindo, enfrentando crítica e cooperativamente os desafios do próprio ambiente em que vive. Do ponto de vista epistemológico, Freire faz um salto lógico no entendimento do conhecimento. Para além da relação sujeito-objeto, entende o conhecimento e a educação como *relação entre sujeitos mediatizada pelo mundo*¹⁵³.

Nesta colocação, em relação ao desenvolvimento da alteridade, numa mediação prática entre as pessoas humanas com o mundo contextualizado pela experiência humana de interação

dimensão da alteridade na existência humana. Este escritor judeu situa o encontro com o outro como elemento de humanização e potencializador do sentido da existência humana. Para Buber, viver significa ser interpelado pelo outro, e isso implica essencialmente na capacidade de escuta (Ibidem).

¹⁵⁰ BENTES, José Anchieta de Oliveira; LOBATO, Huber Kline Guedes. Alteridade e diálogo em Paulo Freire: entrevista com Reinaldo Matias Fleuri. **Periferia**, v. 12, n.1, p. 248-270, jan./abr. 2020. Porém a citação se encontra na p. 251.

¹⁵¹ BRITO, Antônio José Guimarães. **Direito e Barbárie: a alteridade como juízo de valor jurídico e reconhecimento do Outro a partir do discurso (des)colonialista latino-americano**. 2010. 258f. Dissertação (Doutorado em Direito) – Curso de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p. 156.

¹⁵² FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 39.

¹⁵³ BENTES, José Anchieta de Oliveira; LOBATO, Huber Kline Guedes. **Alteridade e diálogo em Paulo Freire: entrevista com Reinaldo Matias Fleuri**, p. 252.

e relação entre as pessoas: eu-tu. Em outras palavras, o primeiro filósofo a tematizar sobre esta relação dialógica entre o eu e o tu foi Ludwig Feuerbach (1804-1872): “O outro é o meu Tu, o meu outro Eu, o meu interior revelado. [...] Somente no outro tenho consciência da minha humanidade”, “sinto que sou homem”¹⁵⁴. Neste caso, podemos analisar que o eu e tu formariam uma unidade, isto é, uma comunidade com a finalidade, entre ambos, de haver uma “diferença qualitativa e crítica”¹⁵⁵. Tal finalidade é questionada por Marx e Engels nas relações sociais, na concretude, que diz respeito a integridade histórica do ser humano na sociedade, enquanto comunidade de homens e mulheres.

Portanto, segundo Marx, para estudar a sociedade não se deve partir do que os indivíduos dizem, imaginam ou pensam, mas da identificação de como produzem os bens materiais necessários a sua vida. Analisando as forças produtivas e as relações de produção é que se descobre como os seres humanos produzem sua vida, suas ideias e como fazem a história. Assim dizem Marx e Engels em *A ideologia alemã*: *Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência*¹⁵⁶.

Ora, com relação a consciência humana, segundo Paulo Freire, que faz uma importante contribuição ao afirmar que “Minha *franquia* ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento”¹⁵⁷. De fato, o ser humano deve ter consciência concreta da vida ao seu redor. E, neste caso que Marx, em *Teses sobre Feuerbach*, afirma que “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”¹⁵⁸. O que os dois filósofos querem nos dizer? Que não basta teorizar, se não partirmos da vida concreta e a ela voltarmos para transformá-la. A transformação é um ato consciente inacabado na realidade concreta. Então, é fato que:

O movimento dialético entre teoria e prática chama-se *práxis*. Mas não se veja na teoria uma atividade anterior à prática e que a determina nem vice-versa, uma vez que ambas encontram-se dialeticamente envolvidas. No mesmo texto *Teses sobre Feuerbach* (Tese II), Marx diz: *A questão de saber se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade do pensamento isolado da práxis é uma questão puramente escolástica*¹⁵⁹.

¹⁵⁴ FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1997. p. 199.

¹⁵⁵ Ibidem. Temos que fazer uma ressalva, para o teólogo Renato Alves de Oliveira, a posição de Feuerbach significou uma recuperação do ser pessoal, que supõe uma relação eu-tu, excluindo uma visão autosuficiente e autoconsciente da pessoa, apoiada sobre si mesma como defendida, por exemplo, Descartes, Fichte e Hegel. A posição personalista de Feuerbach superou a visão psicologizada e individualista do sujeito. Esta posição foi precursora do surgimento do personalismo dialógico de Ebner e de Buber. Para Ebner, uma vida, autenticamente, humana se apoiaria na relação eu-tu. A vida seria dialogia, interatividade, reciprocidade e humanização (Cf. OLIVEIRA, Renato Alves de. **A dimensão teológico-cristã da pessoa humana**, p. 571).

¹⁵⁶ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1984. p. 37.

¹⁵⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 22.

¹⁵⁸ MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Hucitec, 1984. p. 14.

¹⁵⁹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 4.ed. São Paulo: Moderna, 2009. p. 191. Segundo Aranha e Martins, com o termo *escolástica*, Marx ironiza a

No caso da concepção da prática pedagógica da realidade do processo de Educação, o movimento dialético e hermenêutico da alteridade na sociedade humana depende do diálogo e da *práxis*, pois *as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo*. “A alteridade se constitui na própria relação entre as pessoas, por meio da reflexão, da ação, do diálogo, da cooperação ao transformar o próprio contexto”¹⁶⁰. No âmbito da realidade, a mediação prática nos permite construir uma consciência crítica na pedagogia da Educação cristã para a formação do ser humano, de forma integral, voltado para o Outro onde o diálogo e a *práxis* são os principais elementos para assegurar a paz na comunidade humana. Embora, o teólogo Hans Küng tenha nos alertado que não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões¹⁶¹. A paz é um processo de consciência em si mesmo. E, tal processo, mostra-nos que o Evangelho, na teologia da Educação cristã, em sua pluralidade, tem como desafio criar uma cultura de diálogo e *práxis*, mas evitando sinistros e perigosas colisões culturais. Portanto, entre a Alteridade e a paz, na fé cristã, serve de testemunho aos credos não-cristãos, porque:

A fé cristã, por confessar a origem comum da humanidade na bondade do Deus criador, por saber-se comprometida com o amor ao próximo e mesmo ao inimigo e por enxergar a humanidade sob a promessa da vinda do reino de Deus, não pode conformar-se com tal perspectiva. Procurará “recursos para uma correta avaliação teológica das diversas tradições religiosas, criando as condições para o exercício de um efetivo diálogo inter-religioso”¹⁶².

Sendo assim, através da efetivação do diálogo inter-religioso, é possível buscar um fundamento comum para construir comunhão e assegurar a paz. Trata-se de tarefa premente, justamente no século XXI¹⁶³. Embora, ao pensar num diálogo e *práxis* no processo pedagógico de construção da comunhão e no asseguramento da paz, a possibilidade de reconhecimento da alteridade deve passar pela relação aluno e professor no espaço de ensino e aprendizado. Assim afirma Paulo Freire:

Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebem me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com o meu desempenho. Se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista. Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo mas também de como o aluno entende como atuo. Evidentemente, não posso levar os meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de

tradição aristotélico-tomista, que para ele é idealista, contemplativa e, portanto, desligada dos reais interesses humanos no sentido concreto da realidade histórica.

¹⁶⁰ BENTES, Jose Anchieta de Oliveira & LOBATO, Huber Kline Guedes. **Alteridade e diálogo em Paulo Freire: entrevista co Reinaldo Matias Fleuri**, p. 256.

¹⁶¹ KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 103.

¹⁶² TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Diálogo de pássaros**. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 12.

¹⁶³ BRAKEMEIER, Gottfried. Fé cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade? **Estudos Teológicos**, v. 42, n. 2, p. 23-47, 2002. Mas a citação se encontra na p.29

um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola¹⁶⁴.

Neste caso específico, a alteridade no contexto do espaço pedagógico possui uma determinada dialética hermenêutica entre o professor e aluno, onde “não recusa a autoridade pedagógica expressa na sua função de ensinar. Mas não se deve confundir autoridade com autoritarismo”¹⁶⁵. Por outro lado, a *práxis* de ensinar faz pensar uma relação professor-aluno com alteridade, porque:

Alteridade é considerar e levar a sério o outro como sujeito. Como sujeito de cultura, que produz seus próprios significados, suas próprias ações. Alteridade significa interagir com o outro como sujeitos. Portanto, criar uma relação de intersubjetividade. O diálogo e a alteridade têm múltiplos significados e múltiplas dimensões. [...], entender o outro não como um simples indivíduo, mas como um *sujeito de cultura*, como alguém que se constitui e que dá sentido à própria vida a partir do contexto que está vivendo. Considerar as opções e as ações que ele vai vivendo, na relação com todos os outros em determinado contexto¹⁶⁶.

Por fim, o diálogo e a alteridade na Educação Cristã podem favorecer a transmissão como a assimilação do conteúdo aplicado das Sagradas Escrituras, e somente assim, é possível “elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades”¹⁶⁷ desenvolvidos no espaço pedagógico da Educação Cristã, onde os “professores deveriam garantir a perpetuação da fé cristã essencial à identidade da comunidade de crentes no meio de um mundo hostil e pluralista”¹⁶⁸. Construir pessoas humanas através da fé é o objetivo do espaço pedagógico da Educação Cristã, é valorizar o Evangelho de Cristo Jesus.

4.2. Educação Cristã como práxis de libertação pedagógica do ser humano: Autonomia e Responsabilidade

No desígnio de Deus, o homem e a mulher têm a vocação de “submeter” a terra (Gn 1,28) como “intendentes” de Deus. Esta soberania não deve ser uma dominação arbitrária e destrutiva. À imagem do Criador “que ama tudo o que existe” (Sb 11,24), o homem e a mulher são chamados a participarem da Providência divina em relação às demais criaturas. Daí a *responsabilidade* deles face ao mundo que Deus lhes confiou¹⁶⁹.

¹⁶⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**, p. 37

¹⁶⁵ LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**, p. 36.

¹⁶⁶ BENTES, Jose Anchieta de Oliveira & LOBATO, Huber Kline Guedes. **Alteridade e diálogo em Paulo Freire: entrevista com Reinaldo Matias Fleuri**, p. 257.

¹⁶⁷ SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica. Primeiras aproximações**. 8.ed. São Paulo: Autores Associados, 2003. p. 18.

¹⁶⁸ PAZMIÑO, R. W. **Temas Fundamentais da Educação Cristã**. 1. Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 139.

¹⁶⁹ **Catecismo da Igreja Católica**, n. 373, p. 107.

O caminho da Educação Cristã é uma *práxis* de libertação pedagógica do ser humano, mesmo que exista caminhos cheio de diversidade “para alcançar o ser humano em sua dimensão religiosa. Existem outras formas de mediação, quiçá menos rígidas e estéreis”¹⁷⁰. Embora, “A busca do ser humano por uma definição de si mesmo é um fenômeno histórico e existencial. A pergunta a respeito da origem do ser humano talvez seja a pergunta mais primitiva da humanidade”¹⁷¹. Então, o “ser humano descobre que é finito, ou seja que sua permanência na terra tem um fim, e deste modo, não tem preocupação com os seres que estão por vir, sua preocupação estaria em manter-se a si mesmo, usando de todos os recursos naturais”¹⁷² com a devida autonomia, mas com pouca responsabilidade na dimensão da vida em si mesmo. Ora, “o homem não se sente responsável por cuidar da natureza”¹⁷³. Por outro lado, na humanidade:

Percebe-se uma variedade de normas, comportamentos, concepções dentro da realidade sociocultural atual. O ser humano só é compreensível na relação entre a constituição biopsicológica e a interpretação sociocultural. Como querer uniformizar tudo? Hoje as pessoas são ciosas de sua autonomia. Como elaborar uma ética para a liberdade e criatividade?¹⁷⁴

Nesta argumentação, a questão da autonomia e da responsabilidade do ser humano é uma questão da busca do sentido como princípio hermenêutico de longa data. Em outras palavras, para José Severino Croatto, que compreende a hermenêutica como “o lugar privilegiado da operação hermenêutica é a interpretação dos *textos*. [...] supõe-se que o intérprete condiciona sua leitura por uma espécie de *pré-compreensão*, que surge do seu próprio *contexto vital*”, depois Croatto afirma um terceiro elemento que exige responsabilidade do intérprete: “Em terceiro lugar, o ato hermenêutico faz *crescer o sentido do texto que se interpreta*”¹⁷⁵. De fato, o Cristianismo nasceu sob o signo da hermenêutica, como nos lembra Paul Ricoeur¹⁷⁶. Ora, podemos afirmar que o Cristianismo vem ao mundo como *interpretação* do Antigo Testamento a partir da pessoa de Jesus Cristo e de sua pregação e da sua pedagogia da salvação na vida da humanidade. Em segunda instância, “As formas de ser e de agir são condicionadas pela

¹⁷⁰ VASCONCELLOS, Marcio Simão. **Teologia e Literatura Fantástica. A redenção na Trilogia Cósmica de C. S. Lewis**. São Paulo: Editora Reflexão, 2017. p. 158.

¹⁷¹ FRIESEN, Albert. A Antropologia de Emil Brunner. **Teologia e Espiritualidade**, Curitiba, v. 4, n. 8, p. 17-38, dez./2017. Citação na p. 18.

¹⁷² PASINATO, Clovis. O princípio responsabilidade de Hans Jonas como fundamento filosófico de uma ética ambiental. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba: FAE, v. 6, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2013. Citação na p. 123.

¹⁷³ Ibidem. Segundo Pasinato, a ética da responsabilidade proposta por Jonas caminha no sentido de um temor. O medo da finitude faz com que o homem busque um modo de se reconciliar com a natureza, em obrigação com os seres que ainda estão por vir (Cf. Ibid., p. 131).

¹⁷⁴ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 219.

¹⁷⁵ CROATTO, José Severino. **Hermenêutica Bíblica: Para uma teoria da leitura como produção de significado**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 6.

¹⁷⁶ Cf. RICOEUR, Paul. **Le conflit des interprétations. Essais d'Hermeneutique**. Paris: Éditions du Seuil, 1969. p. 374.

educação, pela cultura, pela sociedade e pelas forças do inconsciente. O importante é assumir a pessoa na situação concreta em que se encontra, para humanizá-la”¹⁷⁷. Embora, “a pessoa é entendida como um agente intencional em um mundo de objetos culturais e que o mundo é constituído de interpretações”¹⁷⁸. Por outro lado, podemos considerar o que Hans Jonas afirmou:

A responsabilidade é o cuidado reconhecido como obrigação em relação a um outro ser, que se torna “preocupação” quando a uma ameaça à sua vulnerabilidade. Mas o medo está presente na questão original, com o qual podemos imaginar que se inicie qualquer responsabilidade ativa: o que pode acontecer a ele, se seu não assumir a responsabilidade por ele? Quanto mais obscura a resposta, maior se delineia a responsabilidade¹⁷⁹

Por esta perspectiva, a Educação Cristã com a sua *práxis* de libertação hermenêutica e pedagógica, assume uma responsabilidade de “contínua preocupação para a comunidade de fé e saber como relacionar sua perspectiva ao contexto social e cultural mais amplo”¹⁸⁰ e com autonomia para educar. Embora, para Croatto, “A Bíblia é um texto aberto. Já como *texto* ela o é. Para isso devemos estar advertidos, se queremos que ela seja mensagem viva também hoje”¹⁸¹. Portanto, a leitura da realidade (contexto vital) em sintonia responsável com o texto bíblico deve encaminhar para uma ação pastoral em todas as dimensões da sociedade humana. Por exemplo, na esfera pública onde Karl Barth traz um questionamento citado no artigo dos teólogos Jefferson Zeferino e Clodovis Boff¹⁸²:

Será que realmente ouvimos o chamado que escutamos? Será que chegamos a apreender aquilo que compreendemos? Que o que se impõe hoje é uma reorientação em Deus frente ao todo de nossa vida [...]? Mais: será que a comunidade cristã já forneceu à comunidade civil a prova do espírito e da força, representou e proclamou a Jesus Cristo frente ao mundo de forma tal que já possa esperar, de sua parte, ser considerada fator importante e benéfico na vida pública?

Como podemos perceber a autonomia e a responsabilidade na Educação Cristã é uma *práxis* de libertação pedagógica, que pode ser avaliado na leitura hermenêutica dos teólogos Jefferson Zeferino e Clodovis Boff, ao descrever a vida concreta de Karl Barth:

É importante salientar que Karl Barth teve a difícil tarefa de pensar a fé cristã em contextos que exigiam uma ressignificação de pensamento e paradigmas. Entre tais contextos, vale destacar as Grandes Guerras; o conflito leste-oeste (entre União Soviética e Estados Unidos); além da industrialização em processo de aceleração. Esses momentos levaram o cristão e também o não

¹⁷⁷ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 219.

¹⁷⁸ BONIN, F. L. R. **Indivíduo, Cultura e Sociedade**. In: STREX, M. et al. (Org.). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 64.

¹⁷⁹ JONAS, Hans *apud* PASINATO, Clovis. **O princípio responsabilidade de Hans Jonas como fundamento filosófico de uma ética ambiental**, p. 131.

¹⁸⁰ PAZMIÑO, R. W. **Temas Fundamentais da Educação Cristã**, p. 141.

¹⁸¹ CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado**, p. 36.

¹⁸² ZEFERINO, Jefferson & BOFF, Clodovis. **Ética Barthiana e Teologia Pública: Contribuições para a Teologia da Cidadania**. **REVER**, ano 17, n. 01, p. 146-167, jan./abr. 2017. Citação na p. 147-148.

cristão a repensar aquilo em que depositavam a fé. A fé no homem, que até então marcava o espírito iluminista, recebeu pesados golpes, e milhões de vítimas da ação humana geravam o mesmo número de questionamentos acerca da ética. Barth viveu esses momentos como pastor e como professor de Teologia. Este cristão que foi um dos grandes articuladores teológicos de seu tempo não se calou, pelo contrário, posicionou-se, foi crítico, autocrítico e procurou chamar a atenção do cristão quanto a sua *responsabilidade ética e cidadã*, que é *responsabilidade para com a pessoa humana*. Já no início de sua vida pastoral deparou-se com a realidade de uma vila de operários na Suíça, percebeu a necessidade de conjugar *vida e fé*, envolveu-se, em virtude disso, com o socialismo religioso de Kutter e Ragaz. Além disso, revoltou-se contra os professores que o formaram dentro do liberalismo, na medida em que muitos deles demonstraram apoio à política de guerra alemã em 1914, entendendo que não poderia mais segui-los em sua ética e Teologia. Também teve papel importante na liderança da Igreja Confessante (*Bekennende Kirche*), sendo um dos principais formuladores da Confissão de Barmen (1934) que se colocava como uma declaração contra Hitler e o nazismo. Sua postura o fez perder a cátedra em Bonn, em 1935, mudando rapidamente para a Basileia (Busch, 2005; Cornu, 1971; Santana Filho, 2013)¹⁸³.

Ao compreender este exemplo de leitura da vida de Karl Barth, o saber da responsabilidade e da autonomia do ser humano, é um desafio pedagógico na libertação e *práxis* no contexto social e cultural da linguagem da fé no nosso cotidiano vivencial. Afinal, como bem disse C. S. Lewis, “No universo inteiro, existe uma coisa, e somente uma, que nós conhecemos melhor do que conheceríamos se contássemos somente com a observação externa. Essa coisa é o Ser Humano. Nós não nos limitamos a observar o ser humano, nós *somos* seres humanos”¹⁸⁴. Então, o Ser Humano, a partir da fé cristã, e sendo um educador da fé cristã, deve “oferecer elementos para que todos possam constituir suas singularidades e se reconhecer nas singularidades e nas alteridades dos outros”¹⁸⁵.

Talvez, um dos grandes problemas atuais da humanidade seja a compreensão de que, “ser humano é entender que a diversidade leva à unidade, que a unidade leva à solidariedade, que a solidariedade leva à igualdade, que a igualdade leva à liberdade, que a liberdade leva à diversidade”. Considerando que o educador seja um modelo para o educando, professores preconceituosos produzirão alunos preconceituosos, e professores inclusivos, alunos que reconhecem na diversidade o significado de ser humano, tornando escola e professor parceiros incondicionais da diversidade¹⁸⁶.

¹⁸³ Ibid., p. 151-152. Para o Teólogo Afonso Murad, ao comentar Karl Barth, em sua obra fenomenal *Epístola aos Romanos* (1919-1922) fala do Deus Totalmente Outro, escondido, que vem em direção ao ser humano através da revelação. Não se trata da descoberta de Deus pela experiência (Schleiermacher), pela história (Troeltsch) ou pela metafísica. A história da salvação coloca em crise a história humana e pede um salto na fé. A *Epístola aos Romanos* mostra a diferença qualitativa entre Deus e homem e uma concepção radical de fé e graça. Sua obra *Dogmática* (1927) apresenta a cristologia como centro de todo o pensamento teológico. [...] A teologia de Barth é importante porque reenvia toda a teologia a seu próprio objeto, que é a Palavra de Deus (Cf. MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. *A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*, p. 127).

¹⁸⁴ LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. In: VASCONCELLOS, Marcio Simão. *Teologia e Literatura Fantástica. A redenção na trilogia cósmica de C. S. Lewis*, p. 75.

¹⁸⁵ BENTES, Jose de Anchieta de Oliveira & LOBATO, Huber Kline Guedes. *Alteridade e diálogo em Paulo Freire: entrevista com Reinaldo Matias Fleuri*, p. 265.

¹⁸⁶ ROCHA, Marcos Porto da & ROCHA, José Geraldo da. Ensino Religioso: Inclusão, promoção e respeito à diversidade. *Revista Científica Teologia em Diálogo*. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, ano II, n. 2, p. 69-92, 2018. Citação na p. 75.

Portanto, os grandes problemas atuais da humanidade, requer autonomia e responsabilidade para superar os desafios do contexto histórico e social da sociedade humana, e a Educação Cristã, com a sua pedagogia e teologia pastoral, tem que colaborar através da fé em Cristo Jesus: “*a fim de que, de um só coração e de uma só voz, glorifiquei o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Romanos 15.6)¹⁸⁷. Então, com autonomia e responsabilidades:

Pede-se do teólogo e da teóloga: contato próximo com a realidade, capacidade crítica para discernir, escuta atenta, abertura para o diálogo com diversos interlocutores e propostas humanizantes e realistas para a situação dos destinatários. Infelizmente, a ética cristã até agora tem sido idealista. Propõe algo inalcançável para a maioria dos seres humanos. Em contrapartida, a tarefa da teologia moral consiste em tomar as pessoas nos lugares e nas situações em que se encontram, com todas as dificuldades, erros e acertos, para ajuda-las a realizar sua humanização o mais profunda e extensamente possível. Isso significa, à luz da fé, crescimento espiritual e capacidade de responder aos apelos de Jesus na vida concreta. Exige-se, para isso, superar uma ética da relação entre a pessoa e a sociedade; superar a ética de dominação e exploração da natureza e seguir em direção a uma ética do cuidado e da sustentabilidade; e repensar a postura das Igrejas em relação à sexualidade e as novas identidades sexuais¹⁸⁸.

E assim devemos com autonomia e responsabilidade repensar a Educação Cristã de forma teológica, pedagógica e pastoral sem nenhuma acomodação. Afinal, é como afirma Paulo Freire:

O discurso da impossibilidade de mudar o mundo é o discurso de quem, por diferentes razões, aceitou a acomodação, inclusive por lucrar com ela. A acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança. Falta a quem se acomoda, ou em quem se acomoda fraqueja, a capacidade de *resistir*. É mais fácil a quem deixou de resistir ou a quem sequer foi possível em algum tempo resistir aconchegar-se na mornidão da impossibilidade do que assumir a briga permanente e quase sempre desigual em favor da justiça e da ética¹⁸⁹.

Portanto, a Educação Cristã nunca deve acomodar-se na sua *práxis* pedagógica e teológica com a responsabilidade de estar contribuindo na formação do ser humano, de forma integral e autônoma, em direção ao Reino de Deus. Na Educação Cristã, “a Teologia é um assunto prático. O objetivo único da nossa existência é ser assumidos pela vida divina”¹⁹⁰ na formação integral da pessoa humana.

4.3. Educação Cristã como práxis bíblica na autonomia integral na formação humana

¹⁸⁷ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1989.

¹⁸⁸ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 219-220.

¹⁸⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Versão E-Book. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 21.

¹⁹⁰ LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 56.

O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Quem vos chamou é fiel, e é ele que agirá (1 Tessalonicenses 5.23-24)¹⁹¹.

A Educação Cristã tem um importante papel na autonomia integral no processo da formação humana. Ela fornece instrumentos pedagógicos para entender as dificuldades e problemas humanos no contexto social e cultural de nossa sociedade. Sendo assim, a igreja local deve ter a visão e missão em sua localidade. Então, como afirma Karl Barth que à “medida em que cada cristão é responsável frente à pergunta pela verdade, ele é chamado a ser teólogo”¹⁹². Em outras palavras, a Educação Cristã tem a incumbência de despertar o teólogo e a teóloga que existe no ser humano com autonomia. Pois o “testemunho cristão que não ressurgir diariamente do fogo da pergunta pela verdade”, para Barth, “em nenhum caso, em nenhum tempo, na boca de nenhuma pessoa poderá ser fidedigno e vivo, porque este deverá ser substancial e, portanto, responsável”¹⁹³. Por isso, o processo pedagógico da Educação Cristã, na igreja local, tem relevância integral:

É necessário, no entanto, que na comunidade (em analogia a outras funções nela existentes) haja uma atividade *específica*, em parte exercida por delegação, uma atividade também profissional, voltada para o exame de toda a atuação da comunidade à luz da pergunta pela verdade – que haja, por conseguinte, ciência, pesquisa e magistério teológicos. A teologia, neste seu aspecto que nos interessa primordialmente aqui, está relacionada *mutatis mutandis*, com a comunidade e a fé desta assim como a jurisprudência se acha relacionada com o Estado e seu direito. Sua pesquisa e seu magistério, portanto, não representam um fim em si mesmos. São, antes, uma função da comunidade e, em especial, aos membros que nela são responsáveis pela pregação, pela doutrina e pela poimênica, no sentido de incentivá-los constantemente a confrontar-se com a pergunta pela relação adequada de seu falar humano com a palavra de Deus, que é sua fonte, seu objeto e seu conteúdo. Deverá iniciá-los no manuseio correto dessa questão, da pergunta pela verdade, deverá, com seu exemplo, ensinar-lhes a compreensão, o raciocínio e a linguagem adequados, deverá acostumar-lhes com o fato de que neste campo nada é evidente, que nesta questão se faz necessário orar assim como se faz necessário trabalhar e deverá indicar-lhes as diretrizes que esse seu serviço requer. A teologia falharia se optasse por ocupar-se, instalada em alturas sublimes, com Deus, o mundo, o ser humano e com outros assuntos historicamente interessantes, se não quisesse ser teologia para a *comunidade* no sentido indicado, comparável ao volante (regulador, a peça ‘inquieta’) do relógio, se não quisesse lembrá-la, e aos seus membros especialmente responsáveis, da seriedade de sua situação e de sua tarefa, para ajudar-lhe, assim, a encontrar liberdade e alegria em seu serviço¹⁹⁴.

Como podemos analisar, é possível que a Educação Cristã pode atestar um serviço pedagógico do comprometimento de um “teólogo educador profissional” que tenha

¹⁹¹ **Bíblia de Jerusalém**, p. 2064-2065. Embora, na versão da **Bíblia de Estudo de Genebra**, p. 1609, é mais compacta: “*O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará*” (1 Tessalonicenses 5.23-24).

¹⁹² BARTH, Karl. **Introdução à Teologia Evangélica**. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal e Est, 2007. p. 31.

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ Ibid., p.31-32.

responsabilidade com Deus, comunidade de pessoas sagradas (Pai-Filho-Espírito Santo)¹⁹⁵ e com o Evangelho integral de Cristo Jesus na preparação da comunidade de fé, com o objetivo de dá suporte e ferramentas na compreensão das Escrituras. Ora, segundo Barth, a “escritura rege a igreja”, isto é, “não é a igreja que deve reger sobre a escritura”. Por isso, a “questão de como a igreja poderá existir na qualidade de igreja dependerá simples e concretamente de ela confiar nesse livro e concomitantemente prestar obediência a ele”. O que Barth está querendo transmitir, é o fato que a Igreja não pode ter a tentação de “dominar” a Palavra de Deus. Na verdade, é necessário confiança e obediência na Escrituras, porque nelas “está aquilo que [Barth chama] de método do Espírito Santo e da fé”¹⁹⁶. Neste método, podemos ter a clareza que a comunidade de fé deve identificar-se com Jesus, o Cristo de Nazaré, que não pensou em si mesmo, mas sim nos outros: “*Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*” (Marcos 10.45)¹⁹⁷. Todavia, Barth afirma que o “sinal a ser colocado pela igreja, ou melhor, o sinal sob o qual a igreja originalmente está colocada, se chama serviço, e não dominação”¹⁹⁸, ou seja:

Mas Jesus, chamando-os disse: “*Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo. Desse modo, o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por muitos*” (Mateus 20.25-28)¹⁹⁹.

Nesta colocação do Evangelho, a Igreja existe para exercer o serviço, embora C. S. Lewis nos ajuda a compreender que:

O cristianismo nunca possuiu, nem professou possuir, um programa detalhado para aplicar o “faça aos outros o que gostaria que fizessem para você” a uma determinada sociedade ou a um momento particular. Nem poderia ser diferente. Ele se dirige a todos os homens de todos os tempos; e um programa específico que fosse cabível para um lugar ou uma época não o seria para outros. E, de qualquer modo, é assim que o cristianismo funciona. Quando nos manda alimentar os famintos, não nos dá aulas de culinária. Quando nos exorta a ler as Escrituras, não ministra aulas de hebraico ou de grego, nem mesmo de gramática inglesa. Nunca teve a intenção de substituir ou destituir as artes e ciências profanas: tem, antes, a função de um diretor que as destina às suas funções corretas e lhes infunde a energia de uma vida nova na medida em que elas se colocam à sua disposição.

¹⁹⁵ É importante ressaltar que o mistério da Santíssima é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo, é, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na “hierarquia das verdades de fé”. “Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado” (Cf. **Catecismo da Igreja Católica**, n. 234, p. 71). Para C. S. Lewis, o mistério da Trindade revela a dimensão de Deus, isto é, “Na dimensão de Deus, por assim dizer, encontramos um Ser que são três pessoas sem deixar de ser um único Ser, da mesma forma que um cubo são seis quadrados sem deixar de ser um único cubo” (Cf. LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**, p. 56.).

¹⁹⁶ BARTH, Karl. **Dádiva e Louvor. Ensaios Teológicos de Karl Barth**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2006. p. 190.

¹⁹⁷ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1775.

¹⁹⁸ BARTH, op. cit., p.192.

¹⁹⁹ **Bíblia de Jerusalém**, p.1740.

As pessoas pedem: “A Igreja deve tomar a dianteira”. Isso é verdade se for entendido da maneira correta, mas, caso contrário, não. Por “Igreja” deve-se entender todo o corpo de cristãos praticantes. [...] A liderança, dentro da Igreja, é composta pelas pessoas que foram especialmente treinadas e destacadas para cuidar dos nossos assuntos enquanto criaturas que viverão para sempre; e estamos pedindo que cumpram uma função diferente, para a qual não foram treinadas. Essa função cabe a nós, leigos. A aplicação de princípios cristãos aos sindicatos ou às escolas, por exemplo, deve vir de nós, sindicalistas e educadores cristãos, do mesmo modo que a literatura cristã deve ser feita por romancistas e dramaturgos cristãos, e não por um concílio de bispos, reunidos para escrever peças e romances no seu tempo livre²⁰⁰.

Portanto, a Educação Cristã é um lugar perfeito para o treinamento da liderança cristã como expressão do serviço ao Reino de Deus, porque apresenta um ambiente que vincula à *práxis* bíblica no contexto histórico e social. Em outras palavras, ela é uma ferramenta de serviço na interpretação da história a partir da lente das Sagradas Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento. Então, aqui temos a contribuição do especialista em Hermenêutica, José Severino Croatto que nos faz pensar “do acontecimento ao texto”, ou seja,

O ponto de partida de um texto é alguma forma de experiência: um fato significativo, uma cosmovisão, um estado de opressão, um processo de libertação, uma vivência de graça e salvação, etc. Chamamos isto de “acontecimento”. Toda ação humana individual, comunitária, nacional – é uma forma de acontecimento. Acontecimento também é um fenômeno natural na medida em que incide sobre a vida do homem. Da infinita rede de práticas humanas, de experiências sócio-históricas, surgem algumas práticas, por uma razão ou outra, especialmente *significativas*, que são logo recolhidas em uma *palavra*.

Há dois fenômenos hermenêuticos que se operam neste momento: Por um lado, a palavra que surge do acontecimento para narrá-lo ou celebrá-lo está efetuando uma seleção, privilegiando uma experiência e deixando na sombra muitas outras. É uma forma de “clausura” e, portanto, de interpretação: esse fato, e não outro, reclama a palavra.

Por outro lado, esta palavra está *interpretando* este acontecimento no próprio ato de narrá-lo. Nunca é uma simples crônica, ainda que se o pretenda! Isso se houver crônica que não seja já interpretação. Toda leitura dos fatos se faz a partir de um determinado lugar e, portanto, com uma determinada perspectiva. Já o sabemos, porém convém destacar o que implica aquele fenômeno de seleção/clausura e de interpretação²⁰¹.

²⁰⁰ LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**, p. 32.

²⁰¹ CROATTO, José Severino. **Hermenêutica Bíblica: Para uma teoria da leitura como produção de significado**, p. 28. Embora, o que é exposto pelo Croatto, nos faz lembrar que do prof. Dr. Pe. Boris Agustin Nef Ulloa, onde os trabalhos com a Hermenêutica em acontecimentos e interpretações, ao longo da história bíblica, como a tradição oral e escrita, foi-se adaptando no serviço da sinagoga com também no cristianismo em sua nascente, isto é, “O avanço das investigações nesse campo nos tem levado a um melhor conhecimento de que uma grande parte das tradições targúmicas forma-se prematuramente e tem suas origens na época pré-cristã. Reconhece-se hoje que as versões aramaicas (orais e escritas) foram amplamente utilizadas pela antiga tradição cristã que nos ofereceu o Novo Testamento. Poder-se-ia, portanto, dizer que Jesus mesmo conhecia as interpretações aramaicas das sagradas Escrituras que se davam no serviço da sinagoga” (Cf. ULLOA, Boris Agustín Nef. O Método Deráshico no Judaísmo. **Revista de Cultura Teológica**, PUC-SP, v. 18, n. 70, p. 31-49, abr./jun. 2010. Citação da p. 44-45). Por outro lado, o Judaísmo Ortodoxo Moderno está aberto ao estudo crítico histórico da literatura rabínica e alguma aplicação ao cânon bíblico posterior. Além disso, alguns estudiosos ortodoxos modernos examinaram a crítica bíblica sobre a Torá, incorporando algumas de suas opiniões dentro da crença tradicional na revelação mosaica (Cf. CARDOZO, Rabino Nathan Lopes. **Sobre a crítica bíblica e seus contra-argumentos**. Torat Emet, 1995. Disponível em: <https://www.aishdas.org/toratemet/en_cardozo.html> Acesso em: 12/10/2020 às 13:34h). Enfim, o fenômeno de seleção/clausura e de interpretação na tradição, tanto oral como escrita, destacado por Croatto, Ulloa e Cardozo, faz-nos compreender que a palavra “tradição” é aplicado “para significar um conjunto de práticas, costumes e comportamentos que herdamos das gerações passadas e que continuam, apesar

Neste sentido, podemos estabelecer um processo pedagógico das linhas de serviço, que a igreja local, pode oferecer através da Educação Cristã que se fundamenta na hermenêutica das Sagradas Escrituras na ação humana no contexto do local, sendo individual, comunitário, nacional ou internacional nos acontecimentos que envolve a humanidade. Portanto, voltemos ao teólogo Karl Barth para auxiliar a formação integral do ser humano da Educação Cristã para a Teologia como uma atividade prática e de puro serviço:

A teologia é assunto da igreja. As coisas não funcionam bem sem pastores e sem catedráticos. Mas o problema da teologia, a pureza do serviço eclesial, é colocado à igreja toda. Em princípio não existem não-teólogos na igreja. Que dizer então do termo “leigo”, uma das piores expressões da linguagem religiosa, que deveria simplesmente sumir da linguagem cristã. Então: Os não-catedráticos e não-pastores são co-responsáveis para que a teologia de seus catedráticos e de seus pastores não seja uma teologia ruim e sim boa teologia. E porque a revelação, a igreja em sua essência e em sua intenção, é uma causa humana, dizemos agora também a respeito da teologia, numa generalização muito tranquila: Ela é assunto humano. E existem épocas tão carentes de teologia que se pode dizer: Mesmo que poucos o saibam a teologia é o assunto humano por excelência²⁰².

Nesta perspectiva, podemos olhar para a Educação Cristã, na igreja, na comunidade de fé, como uma ferramenta pedagógica de serviço, onde a sua teologia não domina a comunidade de fé e até mesmo o mundo, ou a sociedade como um todo, isto é, “servir a Deus e aos seres humanos é o sentido, o horizonte e o *telos* do labor teológico”²⁰³. Portanto, é necessário que o labor teológico da Educação Cristã esteja no serviço de todos, ou seja, na comunidade de fé e na sociedade, do mesmo modo que nos ensinou o Senhor Jesus ao nos revelar a prioridade do seu Evangelho. Mas para isso, é necessário sempre, no espaço pedagógico da igreja local, a devida percepção do contexto histórico-social específico. Enfim, é como afirma o teólogo C. S. Lewis:

Agora, qual o sentido disso tudo? O que ele veio fazer aqui? Bem, veio ensinar, é claro. No entanto, assim que começamos a examinar o Novo Testamento ou qualquer outro escrito cristão,

das mudanças do nosso tempo” (Cf. MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 58).

²⁰² BARTH, Karl. **Dádiva e Louvor**, p. 199.

²⁰³ BARTH, Karl. **Introdução à Teologia Evangélica**, p. 119. Para Emmanuel Carneiro Leão dá vários sentidos para a palavra grega *telos*: “A integração de penhor e bem constitui e perfaz o sentido, *tò télos*, do empenho na dinâmica da ação. Costuma-se traduzir *télos* por meta, fim, finalidade. Todavia, *télos* não diz nem a meta a que dirige a ação, nem o fim em que a ação finda, nem a finalidade a que serve a ação. *Télos* é o sentido, enquanto sentido implica princípio de desenvolvimento, vigor de vida, plenitude de estrutura. Assim, o *télos*, o sentido de toda ação, é consumir a atitude, é o sumo desenvolvimento do vigor de sua plenitude. Atitude, como a consumação de todos os sentidos das ações, *to teleiôtaton*, é pois, a perfeita integração de penhor e bem (Cf. LEÃO, Emmanuel Carneiro. “O problema da Poética de Aristóteles”. In: _____. **Aprendendo e pensar II**. Petrópolis: Vozes, 1992. p.156). Para José Severino Croatto, ao fazer a seguinte observação: “O chamado Antigo Testamento, como uma unidade, é a palavra de Deus que transborda a contextualização de cada uma das passagens e se orienta a um *télos* (N.T. de *teleios*, fim, propósito, objetivo completo) querigmático, que é Cristo (Gl. 3.24 com Rm. 10.4)” (Cf. CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado**, p. 41).

descobrimos que eles falam constantemente de algo bem diferente: falam de sua morte e ressurreição. É evidente que os cristãos julgam estar aí o ponto central da história. Acreditam que Jesus veio à Terra especificamente para sofrer e ser morto²⁰⁴.

Enfim, podemos afirmar que, para a formação integral do ser humano, enquanto *práxis* Bíblica, em “que a teologia cristã é uma reflexão, sistemática e crítica, esperançada e sábia, sobre a fé cristã, vivida e transmitida nas comunidades eclesiais, a serviço da evangelização”²⁰⁵, no espaço humano de nossa sociedade. Neste caso, “É preciso haver, nos dias de hoje, a mesma disposição para ensinar e aprender”²⁰⁶ dentro do contexto histórico-social. “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História”²⁰⁷, como foi Cristo Jesus.

Para concluir, precisamos ter bases didáticas na *práxis* Bíblica, “pois pode ser uma ponte que, mediada pelo educador, proporcionará ao educando o acesso necessário ao conteúdo, bem como pode se constituir em um muro que obstaculiza esse mesmo acesso”²⁰⁸. Então, para o Pedagogo e Teólogo César Moisés Carvalho:

Em síntese, seja ensinando com a metodologia dialética da prática-teoria-prática cristã, ou qualquer outra, o educador deverá ter como cabeçalho do seu plano de aula/trabalho, quatro elementos principais: *o que* ensinar, *como* ensinar, *para que* ensinar e *por que* o aluno deve aprender determinado conteúdo. Foi essa a Pedagogia utilizada desde os primórdios do povo de Israel, e recomendada a Moisés pelo próprio Deus: o conteúdo (o quê): Deuteronômio 6.20-23; 11.18; o método (o como): Deuteronômio 6.6-9; 11.19,20; os objetivos: (para que): Deuteronômio 6.24,25; Efésios 4.14; os benefícios obtidos pelo ao aluno em aprender (o porquê de aprender): Deuteronômio 6.1-3; 11.21-25²⁰⁹.

De fato, até mesmo na *práxis* Cristo e a maneira de agir dos profetas do Antigo Testamento segue um padrão pedagógico que “é possível perceber e concluir que a revisão de vida está na linha de acção utilizada por estes”²¹⁰, como um traço marcante do método pastoral Ver-Julgar-Agir como processo educativo na *práxis* bíblica de libertação, de reconciliação e de salvação:

Ao analisar a vida dos profetas com facilidade se conclui que tudo parte da realidade, da vida, sendo a partir da situação concreta que se apresenta um caminho de reconciliação e de salvação.

²⁰⁴ LEWIS, C. S. **Cristianismo Puro e Simples**, p. 23. De fato, Jesus é o núcleo central da revelação divina na história humana.

²⁰⁵ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 44.

²⁰⁶ CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência da Educação a Pessoa não Especializadas**, p. 323.

²⁰⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 23.

²⁰⁸ CARVALHO, op. cit., p. 349.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ CASTELHANO, João Nuno Frade Marques. **O Método de Cardijn: Ver-Julgar-Agir. A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural**, p. 43.

Nos relatos bíblicos, depois de se ter apontado a situação concreta, o profeta leva a pessoa a confrontar a sua realidade com o que é apresentado na palavra de Deus, chamando e convocando a pessoa a uma mudança radical na sua vida.

Um exemplo disto é o caso do adultério do rei David²¹¹, que é relatado no segundo livro de Samuel, no capítulo doze. Neste episódio, o profeta Natã não se dirige ao rei com as normas da lei de Moisés ou com uma grande admoestação teológica. Natã inicia a sua advertência para com o rei contando uma história que obriga o rei a defrontar-se com a realidade e com as consequências desta. Só depois de o rei ter tomado consciência dos acontecimentos e se ter deparado com o mal que tinha cometido é que o profeta efectua a sua admoestação profética, procurando levar o rei David a uma atitude de conversão e de mudança.

A acção de Jesus segue a linha dos profetas. Ele parte da realidade concreta procurando que as pessoas tomem consciência da sua realidade pessoal encaminhando-as para o encontro com o amor misericordioso de Deus. Um exemplo disto é o episódio emblemático do encontro entre Jesus e a Samaritana²¹². Neste caso, Jesus depois do primeiro contacto, isto é, depois de ver a realidade concreta daquela mulher, procura ajuda-la. Primeiro, procura levar a mulher a tomar consciência da situação em que se encontra. Depois, ajuda-a a julgar a sua situação concreta. Por fim, conduz a samaritana a uma mudança na sua vida²¹³.

Enfim, este é o processo pedagógico da Teologia Pastoral que deve praticar a Educação Cristã para trazer algo novo e transformador na regeneração de consciências humanas, na abertura ao Evangelho, na vida da Igreja do século XXI. Portanto, a Educação Cristã é uma atividade pedagógica prática na Igreja, isto é, é “uma atividade central da Igreja e que se faz imprescindível para os nossos dias”²¹⁴.

²¹¹ Cf. 2 Samuel 11.1-15.

²¹² Cf. Evangelho de João 4. 1-42.

²¹³ CASTELHANO, op. cit., p. 43-44.

²¹⁴ CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da Ciência da Educação a Pessoas não Especializadas**, p. 65.

5. CONCLUSÃO

Tomé lhe diz: “*Senhor, não sabemos aonde vais. Como podemos conhecer o caminho?*” Diz-lhe Jesus: “*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim*” (João 14.5-6)²¹⁵

Podemos concluir a presente pesquisa de revisão bibliográfica que foi elaborada com o propósito de dialogar com a metodologia pastoral do padre belga Joseph Léon Cardijn (1882-1967) que influenciou a Juventude Operária na Europa do século XX, como na elaboração da Teologia da libertação na América Latina, como também em certos documentos da Igreja Católica e nas pastorais pedagógicas e sociais em geral:

O método de Joseph Cardijn é um método de paciência, que ajuda a exercitar o sentido crítico ajudando na avaliação dos actos realizados, levado a cabo por pequenos grupos, compostos por homens e mulheres, aos quais se dá a oportunidade de se conhecerem a fundo e de se amarem mutuamente. [...] O método é um espaço de conhecimento e de crescimento integral, gerando, entre os que vivem segundo o método, uma preocupação de conjunto²¹⁶.

Como podemos observar, desde o início deste trabalho bibliográfico, foi articulado a exposição do método Ver-Julgar-Agir como uma ferramenta pedagógica para a Educação Cristã, como também de Evangelização integral no campo social e teológico na vivência da fé no contexto do operariado Europeu e Latino-Americano, por exemplo:

No mundo inteiro, no correr de dois mil anos do Cristianismo, houve gente que, a partir de sua fé, sentiu o apelo de ajudar os pobres. A TdL trouxe algo diferente: ela considera os pobres e a pobreza como uma realidade coletiva, estrutural. Afirma que a pobreza tem causas sociais, políticas, econômicas e culturais. Por isso, a atuação dos cristãos não se resume em prestar assistência aos pobres. É necessário se empenhar para construir uma sociedade justa e solidária, diferente da atual. A pobreza, quando retira a dignidade das pessoas, não é querida por Deus. Trata-se de um pecado social, a ser superado. Essa teologia afirma que a libertação de diversas formas de opressão é uma manifestação da graça salvadora de Deus, na história. Para realizá-la, todos são convocados. Especialmente os próprios pobres, que se tornam sujeitos de sua libertação²¹⁷.

Portanto, o método tem uma pedagogia dinâmica de humanização teológica no processo do ensino e aprendizagem para a Educação Cristã na igreja local. Toda a pedagogia do método Ver-Julgar-Agir, para a Educação Cristã, tem a finalidade de solucionar os problemas de ordem pedagógicas e pastorais no ambiente eclesial e social, mas temos que reconhecer, no método, como um método facilitador na compreensão dos problemas e dos desafios na busca concreta

²¹⁵ **Bíblia de Jerusalém**, p. 1879.

²¹⁶ CASTELHANO, op. cit., p. 42-43.

²¹⁷ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 165.

das soluções do processo de ensino e aprendizagem no ambiente pedagógico da Educação Cristã.

Nesta perspectiva, segundo o teólogo Claudionor de Andrade: “Desde o século passado, vem a Educação Cristã buscando especializar-se nas diversas áreas do magistério eclesiástico”²¹⁸. Para ele, não tem exceções a nível de Educação Cristã, porque:

Hoje, toda a igreja bem construída sabe que somente haverá de crescer e alcançar todos os seus objetivos se emprestar a devida importância à Educação Cristã de modo integral até que o círculo desta se ache plenamente em operação. O Círculo de Educação Cristã pode ser definido como a área de atuação global do magistério eclesiástico evangélico, compreendendo os seguintes departamentos: Escola Dominical, Escola de Preparação de Obreiros Cristãos, Escola de Missões Cristãs e Escola de Formação Musical²¹⁹.

Por isso que o presente trabalho de pesquisa bibliográfica é um diálogo de diversos autores, teólogos, filósofos, pedagogos e escritores eclesiásticos para construir uma abordagem integral de uma Teologia Pastoral sobre a Educação Cristã na atualidade, pois a atualidade que vivemos é culturalmente plural. Então, este trabalho foi dividido em três momentos conforme a metodologia Ver-Julgar-Agir ou de três mediações: sócio analítico, hermenêutica e prática. A Educação Cristã é uma atividade pastoral, social e educativa, sendo assim, este trabalho contempla esta metodologia pastoral.

No capítulo 2, foi realizado o método: Ver, sócio analítico, que abordou, através de autores plurais, o estudo da situação em que se encontra a Educação Cristã na verdade da fé no processo pedagógico. Neste momento foi enfatizado os fundamentos filosóficos e teológicos para uma pedagogia para a Educação Cristã com a prática do compromisso que envolve o Evangelho de Cristo.

No capítulo 3, foi realizado o método: Julgar, a mediação hermenêutica, que abordou a teologia hermenêutica, em diálogo com outros saberes humanos, a partir de leituras e releituras da verdade da experiência do processo pedagógico e ministerial da Educação Cristã, na busca por princípios e diretrizes da fé revelada na Pastoral da igreja local. Embora, é bom lembrar o que José Severino Croatto argumentou:

Quão difícil é o caminho de uma “teologia aberta”! Por isso uma teologia como a latino-americana resulta conflitiva. O mesmo acontece com o novo falar sobre Deus (=teologia) que surge da práxis da fé entre os cristãos comprometidos. Um magistério eclesiástico (no catolicismo) ou uma tradição confessional (no protestantismo) somente têm sua razão de ser enquanto unificam e enclausuram *momentaneamente* o sentido de uma tradição e de uma práxis, mas, simultaneamente, à luz dessa alternância entre práxis e texto que constitui o processo

²¹⁸ ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã: A missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias**, p. 34.

²¹⁹ Ibid., p. 34-35.

hermenêutico, permitir passar a uma nova abertura. A clausura total de *uma* leitura do querigma, ou seu controle puramente autoritário, não é bíblico nem hermenêutico²²⁰.

Por isso, foi necessário avaliar a produção cultural do Evangelho de Cristo como uma diretriz na construção da linguagem humana a partir do desenvolvimento da pessoa humana na imagem de Cristo com as argumentações de autores sobre a temática.

No capítulo 4, foi realizado o método: Agir, a mediação prática. Que abordou as contribuições práticas da Educação Cristã na igreja local, cuja finalidade é construir a verdade da fé cristã na prática pastoral da Educação Cristã em diálogo com o processo de ensino e aprendizagem na ação concreta do ser humano. Sobretudo, na ponte da regeneração, libertação e salvação a partir da mudança na consciência humana na *práxis* bíblica. Enfim, a educação transforma o mundo que vivemos:

Segundo Paulo Freire, a alfabetização é um processo educativo e político, em sentido amplo. Os pobres aprendem a ler e escrever ao mesmo tempo em que superam o fatalismo, compreendem as causas da opressão e desenvolvem a consciência crítica. Quando começam a ler o mundo com outro olhar, então, começam a se apropriar da leitura e da escrita. Na educação libertadora, não há doutrinação ou imposição do conhecimento. O educador facilita os processos, questiona e propõe. Todos se educam juntos²²¹.

Enfim, este trabalho de pesquisa, através de vários autores, bem conceituados, é um trabalho realizado por três fases (Ver-Julgar ou Avaliar-Agir) sobre a Teologia da Educação Cristã no serviço pastoral da Igreja de Cristo, pois é necessário educar a consciência humana na fé cristã, porque “O autoexame da igreja sempre de novo necessário e ordenado, segundo o critério da palavra de Deus, esta é a função específica da teologia dentro da igreja”²²². É a função da Teologia da Educação Cristã. Contudo, a principal finalidade é a reconciliação da fé cristã com a vida concreta das pessoas humanas no seu contexto sócio-histórico. E sendo assim, é melhor nos educar a amar o outro, o nosso próximo em qualquer situação concreta, mas fica o conselho do C. S. Lewis: “A caridade significa ‘amor no sentido cristão’. Mas o amor no sentido cristão não é uma emoção. Não é um estado do sentimento, mas da vontade: aquele estado da vontade que temos naturalmente com a nossa pessoa, mas devemos aprender a ter com as outras pessoas”²²³. Então, somente o amor, provindo da vontade humana, nos forma, homens e mulheres, para uma Educação Cristã na imagem de Cristo Jesus em qualquer realidade concreta.

²²⁰ CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado**, p.52.

²²¹ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: Introdução ecumênica à ciência da fé**, p. 168.

²²² BARTH, Karl. **Dádiva e Louvor**, p. 195.

²²³ LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo Puro e Simples**, p. 46-47.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã: A missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda (Org.). **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 4.ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BARTH, Karl. **Dádiva e Louvor. Ensaio Teológico de Karl Barth**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2006.

_____. **Introdução à Teologia Evangélica**. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal e Est, 2007.

BENTES, José Anchieta de Oliveira & LOBATO, Huber Kline Guedes. Alteridade e diálogo em Paulo Freire: entrevista com Reinaldo Matias Fleuri. **Periferia**, v. 12, n. 1, p. 248-270, jan./abr. 2020.

Bíblia de Estudo de Genebra. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

Bíblia Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. 12. Reimpressão. São Paulo: Paulus, 2017.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico: versão didática**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo. Ensaio sobre a vocação humana**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRAKEMEIER, Gottfried. Fé Cristã e pluralidade religiosa – onde está a verdade? **Estudos Teológicos**, v.42, n.2, p. 23-47, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. Método Ver, Julgar e Agir. In: PASSOS, João Décio (Org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.

_____. A epistemologia e o método da Teologia da Libertação no Pensamento de Clodovis Boff. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n.32, p. 1403-1435, out./dez. 2013.

BRITO, Antônio José Guimarães. **Direito e Barbárie: a alteridade como juízo de valor jurídico e reconhecimento do Outro a partir do discurso (des)colonialista latino-americano**. 2010. 258f. Dissertação (Doutorado em Direito) – Curso de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CARDOZO, Rabino Nathan Lopes. **Sobre a Crítica bíblica e seus contra-argumentos**. Torat Emet, 1995. Disponível em: <https://www.aishdas.org/toratemet/en_cardozo.html> (Acesso em: 12 out 2020).

CARVALHO, César Moisés. **Uma Pedagogia para a Educação Cristã: Noções Básicas da ciência da Educação a pessoas não especializadas**. 3. Impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

CASTELHANO, João Nuno Frade Marques. **O Método de Cardijn: Ver-Julgar-Agir. A sua vivência e aplicação na Acção Católica Rural**. Porto: Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia, 2017 (Dissertação de Mestrado).

Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CHISHOLM, Huger. “*Mun, Adrien Albert Marie de*”. *Encyclopaedia Britannica*. Cambridge University Press. 1911.

CNBB. Documento 26. **Catequese Renovada**. 39.ed., 3. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo ***Gaudium et spes***, n. 18. In: **Catecismo da Igreja Católica**. n. 874. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica: Para uma teoria da leitura como produção de significados**. São Paulo: Paulinas, 1986.

DEBIAS, Miguel. **Alteridade: colocar o outro no lugar**. Tua Rádio Veranense, 23 de mar. 2020. Disponível em: <<https://www.tuaradio.com.br/Tua-Radio-Veranense/colunistas/alteridade-colocar-o-outro-no-lugar>> (Acesso em 23 out. 2020).

DICIONÁRIO POLÍTICO – CARDIJN, León Joseph. **Pequena biografia de Cardijn, León Joseph**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/cardijn_leon.htm> (Acesso em: 18/07/2020 às 09:50h).

DIRETÓRIO NACIONAL DE CATEQUESE. Brasília: Edições CNBB, 2006. Disponível em: <<http://www.catequistasemformacao.com/2015/02/o-mrto-ver-julgar-agir-no-dnc.html?m=1>> (Acesso em: 29/06/2020).

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma Teologia Cristã do Pluralismo Religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar – Revista Eletrônica da FAJE**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 215-228, 2016.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FRIESEN, Albert. A Antropologia de Emil Brunner. **Teologia e Espiritualidade**, Curitiba, v.4, n.8, p. 17-38, dez. 2017.

GARCIA, Renilda Martins & SUNG, Jung Mo. **Educação Cristã, Escola Dominical e Revista Cruz de Malta: um tríptico desafio à fé integral.** Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciência da Religião. São Bernardo do Campo, 2005.

GEFFRÉ, Claude. **Como fazer Teologia hoje: Hermenêutica Teológica.** Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. **Crer e interpretar: a virada hermenêutica da Teologia.** Petrópolis: Vozes, 2004.

GIBELINI, Rosino. **A Teologia do século XX.** São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **La Teologia del XX secolo.** Brescia: Queriniana, 1990.

GOMES, Tiago de Fraga. **A Teologia Hermenêutica de Claude Geffré e a sua relevância para a Teologia da Revelação.** 2015. 140f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Gonçalves. A evocação do Pensiero Debole na Teologia da Libertação. **Interações: Cultura e Comunicação**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, v. 13, n. 24, sem páginas, 2018.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação. Perspectiva.** Petrópolis: Vozes, 1986.

HAIGHT, Roger. **Dinâmica da Teologia.** São Paulo: Paulinas, 2004.

HAMMES, Érico João. **Hermenêutica e Teologia: Interpretar é preciso.** In: PICH, Roberto Hofmeister; ZILLES, Urbano (Org.). **Filosofia, Religião e Ciência.** Porto Alegre: Edições Est, 2008.

HORKHEIMER, Max. **O Conceito de Iluminismo.** São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

IHU/PORTAL KAIROS. **Fraternidade e Políticas Públicas: Ver, Julgar e Agir.** Atualizado: 21/11/2018. Em #Campanhas da Igreja, Artigos CF 2019, Campanha da Fraternidade, CF 2019. Disponível em: <<https://portalkairos.org/tag/origem-do-metodo-ver-julgar-e-agir/>> (Acesso em: 27/06/2020 às 18:42h).

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KÜNG, Hans. **Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico.** São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. **A Igreja tem salvação?** Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Paulus, 2012.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **“O problema da Poética de Aristóteles”**. In: _____. **Aprendendo A Pensar II**. Petrópolis: Vozes, 1992.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **Pedagogia e Pedagogos, para que?** 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOPES, Edson Pereira; LOPES, Nívea Costa da Silva; DEUS, Pésio Ribeiro Gomes de. **Fundamentos da Teologia Pastoral**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MARCONI, Maria de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: Ciência e conhecimento científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARINHO, Tiago da Silva. Salvação e pluralismo religioso: uma discussão do tema a partir da cristologia de Roger Haight. **Discernindo-Revista Teológica Discente de Metodista**, São Paulo, v.1, n.1, p. 93-106, jan./dez., 2013.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hicitec, 1984.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Hicitec, 1984.

MIRANDA, Mario de França. **Igreja e Sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2009.

MOLTMANN, Jürgen. **La iglesia fuerza del Espíritu**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978.

_____. **Paixão pela Vida**. São Paulo: ASTE, 1978.

_____. **A Fonte da Vida. O Espírito Santo e a Teologia da Vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Experiências de reflexão Teológica, caminhos e formas da Teologia Cristã**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. **O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da Teologia Cristã**. Santo André: Academia Cristã, 2011.

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A Casa da Teologia: Introdução ecumênica à ciência da fé**. 1.ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2010.

OLIVEIRA, David Mesquiati de & TERRA, Kenner R. C. **Experiência e Hermenêutica Pentecostal: Reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

OLIVEIRA, Renato Alves de. A dimensão teológico-cristã da pessoa humana. **Horizonte**, Belo Horizonte: PUC MINAS, v. 14, n. 42, p. 557-605, abr./jun. 2016.

PADILLA, C. René. **Missão Integral; ensaios sobre o Reino e a Igreja**. Londrina: Descoberta/Fraternidade Teológica Latinoamericana, 2005.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na Teologia de Claude Geffré**. São Paulo: Edições Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007.

PAPA JOÃO XXIII. **Carta Encíclica *Mater et Magistra*: Sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina Cristã**. 2. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAPA JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*: sobre a Catequese em nosso tempo**. 11.ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

PASINATO, Clovis. O princípio responsabilidade de Hans Jonas como fundamento filosófico de uma ética ambiental. **Revista Filosófica São Boaventura**, Curitiba: FAE, v. 6, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2013.

PASSOS, João Décio. **Teologia e outros saberes: Uma introdução ao pensamento Teológico**. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PAZMIÑO, Robert W. **Temas fundamentais da educação cristã**. 1.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PELIKAN, Jaroslav. **A Tradição Cristã. Uma história do desenvolvimento da doutrina: O surgimento da Tradição Católica 100-600**. V. 1. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

PERISSÊ, Gabriel. **O Conceito de pessoa: a inovação radical do Cristianismo**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand15/perisse.htm>> (Acesso em: 19 out. 2020).

PIMENTEL, Jéferson Polidoro Ruaro. Educação Cristã para o desenvolvimento da Ética e da Moral. **Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST**. São Leopoldo: EST, v. 1, p. 853-868, 2012.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **O diálogo das Religiões**. Trad. Paulo Bazaglio. São Paulo: Paulus, 1997.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo – Preleções Sobre o Símbolo Apostólico**. São Paulo: Loyola, 2005.

RIBEIRO, Eiton Vitoriano. A herança teológica e libertadora de J. B. Libânio, SJ. **REB: Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano, Fasc. 296, p. 936-946, out./dez. 2014.

ROCHA, Marcos Porto da & ROCHA, José Geraldo da. Ensino Religioso: Inclusão, promoção e respeito à diversidade. **Revista Científica Teologia em Diálogo**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, ano II, n. 2, p. 69-92, 2018.

RODRIGUES, Marilze Wischral. **Formação continuada de Educadores Cristãos – Vivendo a fé cristã no Culto Infantil**. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia – Instituto Ecumênico de pós-graduação em Teologia, 2007 (Dissertação de Mestrado).

RUBIO, Alfonso Garcia. **Elementos de antropologia teológica. Salvação cristã: salvos de quê e para quê?** In: VASCONCELLOS, Márcio de. **Teologia da Missão**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2019.

_____. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão Cristã**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **A Caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **O encontro com Jesus Cristo Vivo: Um ensaio de Cristologia para nosso tempo**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTOS, João Batista Ribeiro. **Dicionário bíblico: conhecendo e entendendo a Palavra de Deus**. São Paulo: Didática Paulista, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica. Primeiras aproximações**. 8.ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SILVA, Francisco Arcanjo da. **A Cruz como evento trinitário no pensamento de Jürgen Moltmann**. 2014. 126f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2014.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Diálogo de pássaros**. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. **O Pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões**. In: *Concilium. Teologia do Pluralismo Religioso: o Paradigma Emergente*. Petrópolis: Vozes, n. 319, 2007.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

_____. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

_____. **Moralidad y algo más: fundamentos para uma teoria de la moral**. In: DUSILEK, Sérgio. **Ética Teológico-Filosófica**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2019.

TOURAINÉ, Allain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TULER, Marcos A. **Dicionário de Educação Cristã. Ferramenta indispensável a educadores cristãos de todos os níveis, professores de Escola Dominical e de Seminários Teológicos**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ULLOA, Boris Agustín Nef. O Método Deráshico no judaísmo. **Revista de Cultura Teológica**, PUC-SP, v. 18, n. 70, p. 31-49, abr./jun. 2010.

VASCONCELLOS, Marcio Simão. **Teologia e Literatura Fantástica. A redenção na Trilogia Cósmica de C. S. Lewis**. São Paulo: Editora Reflexão, 2017.

XAVIER, Fábio Chilles. **“Herdeiros de uma esquerda”: Estudo do engajamento político dos militantes da pastoral da juventude na Arquidiocese de Londrina – PR 1979-1989**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011 (Licenciatura em História).

ZEFERINO, Jefferson & BOFF, Clodovis. Ética Barthiana e Teologia Pública: Contribuições para a Teologia da Cidadania. **REVER**, ano 17, n. 01, p. 146-167, jan./abr. 2017.